CEDEFES • MG
OS BORUN DO WATU
OS ÍNDIOS DO RIO DOCE
GERALDA CHAVES SOARES

OS BORUN DO WATU

Os Índios do Rio Doce

GERALDA CHAVES SOARES

OS BORUN DO WATU

Os Índios do Rio Doce

Ilustrações de Berzé

CEDEFES/MG
1992

CEDEFES - Centro de Documentação "Eloy Ferreira da Silva"
Rua Tiradentes, 2564 - sala 07
B. Industrial - Contagem/MG
32.230 - Telefone: (031) 333-7683

AGRADECIMENTO

Em 1989, retornando de um ato de solidariedade ao Povo Ianomami, os Krenak solicitaram ao CEDEFES que pesquisasse a história de seus antepassados, relatando-a em um livro, afim de torná-la viva para que os seus jovens de hoje conhecessem a vida e a resistência de seus antepassados, entendendo melhor a história de hoje. Esse livro quer ser para os Krenak instrumento para:

. reafirmar sua identidade;

. agilizar o processo de demarcação da terra; bem como divulgar sua história para outros povos indígenas e para a sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, procurei organizar a documentação escrita existente e também a história oral que o Povo Krenak traz gravada na memória. Nem tudo que foi gravado na aldeia está neste livro, mas tenho certeza que, vendo cada foto, cada desenho, lendo cada página, os Krenak vão contar uns para os outros o que nele falta!

Para esse trabalho, contamos com o apoio e a solidariedade de:

- Maria Hilda Paraíso, Núbia, Jonas e Ana Paula da UFBA;
- Jerônimo Nunes (CPT Nacional);
- Prefeitura Municipal de Timóteo (MG);
- Tilden Santiago (Deputado Federal);
- Antônio Pinheiro (Vereador/BH);
- Berzé (Desenhista);
- Luiz Lobo (CIMI Leste);
- Missionários da Boa Nova;
- Fraternidade Agostiniana;
- Secretaria de Cultura de BH;
- Quilombo Produções;
- Grupo "Mandacaru" (Graz-Áustria);
- Conselho Mundial de Igrejas (CMI - Programa de Combate ao Racismo).

Este é pois, o resultado de muitas mãos, de muitas vivências e emoções. Meu agradecimento a todos, principalmente aos Krenak, Maxakali, Pataxó e Xacriabá, com quem tenho aprendido a ler esta História, a partir de sua vivência e a me comprometer, com ela.

Geralda Chaves Soares
Novembro/91

APRESENTAÇÃO

É uma emoção imensa escrever algumas palavras prefaciando esse trabalho do CEDEFES sobre **OS BORUN DO WATU**, que são, na verdade, um povo EHÉ e forte.

Ser BORUN uma das preocupações como estudiosa, é antes de tudo uma saga longa, sofrida e da qual, entre outras lições, aprendemos que é possível resistir às várias formas de dominação e exploração impostas às minorias étnicas neste país pluriétnico que não se aceita como tal.

Os Krenak, como são conhecidos genericamente, pois, na verdade, convivem com os sobreviventes de outros grupos Botocudo, como os Miñajirum, Nakre-ehé, Giporok, Gutkrak e Pojixá, formam uma comunidade de pessoas que ao longo da sua história só receberam o desrespeito aos seus direitos mais elementares: à vida, à saúde, ao seu território tradicional e ao direito de se reproduzirem socialmente como um grupo, com identidade própria.

É interessante chamarmos a atenção dos leitores para o fato de que essa saga de sofrimento e dor não é específica dos Krenak. Muitos outros grupos indígenas em Minas Gerais e no Brasil viveram e vivem dramas semelhantes. Porém, quando se pode ter oportunidade de ouvir um desses povos contar os seus dramas, a sua capacidade de resistência, seu extraordinário poder de ter esperança e fazer projetos para um futuro, que para eles só seria feliz quando os TOKON voltassem a viver entre eles, não se pode perder a chance!

Ao CEDEFES, órgão de grande respeitabilidade pelo trabalho de documentação que realiza junto às comunidades indígenas em Minas Gerais, só podemos parabenizá-lo por não deixar passar essa oportunidade de aprender as lições de vida que os BORUN têm a nos ensinar.

Aos Krenak, os BORUN EHÉ do WATU, só temos a dizer que, todos nós, membros dessa sociedade que os dominou e expoliou, temos uma dívida para com eles que só será resgatada quando aprendermos a respeitá-los na sua individualidade.

Acredito que esse livro é um primeiro passo na construção desse respeito ao direito de viver e de ser um povo com sua própria história e identidade. Que possam preservá-las e transmiti-las aos seus filhos, única forma de garantir a sua sobrevivência como povo.

MARIA HILDA B. PARAÍSO
Antropóloga
Universidade Federal da Bahia - 1990

SUMÁRIO

ORIENTAÇÃO PARA LEITURA E PESQUISA

- **Quando encontrar palavras em língua Krenak, procure o significado em português, na lista que está na página 194.**

- **O significado de algumas palavras escritas de forma diferente está na página 195.**

- **Quando encontrar palavras numeradas procure na página 197 a bibliografia do texto.**

INTRODUÇÃO

Nas aldeias indígenas há costumes muito bonitos.
Entre eles está o costume de contar os mitos,
que são histórias que trazem ensinamentos para o povo.
Não são histórias prá fazer o tempo passar!
É contar histórias que ajudam a guardar
quem é este Povo,
de onde veio,
quem são seus antepassados,
sua vida, suas alegrias,
suas lutas,
como surgiu o fogo, a água...

Os mitos também trazem muitos outros ensinamentos para que o povo possa defender sua identidade.

Se você procurar conhecer bem, verá que cada povo tem costumes muito diferentes. Os Italianos, os Portugueses, os Xavante, os Ianomami, os Maxakali, os Krenak... Todas estas diferenças fazem a beleza de cada povo e sua riqueza maior.

Por isto, no mundo inteiro há muitas culturas.

Podemos dizer que também no Brasil há muitas culturas... a cultura de cada povo indígena, a cultura dos negros, a cultura de cada região, a cultura dos ciganos...

A cultura é aquele jeito de ser de cada povo,
de pensar,
de agir, de trabalhar, de fazer a roça,
de fazer rede,
de fazer festa, de dançar, de cantar,
de falar, de rezar e fazer a religião,
de se defender da opressão,
de fazer as festas, de se vestir,
de se enfeitar,
de fazer a guerra.

Estas diferenças são muito importantes e não podem acabar.

Neste livro você vai conhecer a História de um Povo Forte que foi chamado de Aimoré, Gren, Guerén, Kren e mais tarde de Botocudos. Quando eles foram ficando mais conhecidos, os colonizadores foram descobrindo que este grande povo era dividido em pequenos povos, que falavam uma mesma língua e tinham costumes semelhantes. Cada pequeno povo tinha seu nome próprio.

A maioria deles desapareceu.

Mas desapareceu porque jamais se entregou, nem renunciou à sua liberdade, sua independência, nem se submeteu aos que, de forma feroz, os caçaram para "civilizá-los", para que eles se transformassem em brasileiros "bons", "pacíficos" e... sem terra, sem identidade!

Antes de 1913, os Krenak, pequeno povo que vivia às margens do Rio Doce, já defendia seu território. Na década de 20, começam a negociar com o governo de Minas, Arthur

Bernardes, a demarcação de suas terras. Ainda hoje, depois de exilados várias vezes, perseguidos, discriminados, despejados da terra, os Krenak ainda não têm seu território demarcado. Eles vivem pertinho de nós, no município de Resplendor, distrito de Independência, no Vale do Rio Doce, MG.

— Neste livro você vai conhecer uma parte da História dos Povos Indígenas de Minas contada pelos próprios Krenak.

— Você vai entender porque nossos parentes mais antigos contam que a avó, bisavó ou avô "foi pego no laço ou com dente de cachorro" para ser amansado. E assim, quem sabe, você poderá descobrir também quem é seu Povo, qual a sua origem!

— Este livro conta também que o sofrimento dos índios não acabou. Por toda parte, ainda há muita gente hoje que pensa sobre os índios como os colonizadores pensavam em 1500. Para alguns os índios são ignorantes, preguiçosos, selvagens, sem cultura... Que é preciso acabar com sua maneira de viver, para eles serem iguais aos brasileiros "civilizados". E riem e criticam dos índios.

— Outros dizem que eles atrapalham os Planos de Desenvolvimento do Governo. Por isto é preciso dividir suas terras e ocupá-las para aí fazer hidrelétricas, plantar soja.

— Outros ainda fazem em seus territórios quartéis militares para dar cobertura à chegada de brasileiros, ou das multinacionais interessadas nos minérios que existem em suas terras.

— As pessoas que pensam assim, não são pessoas isoladas. Atrás delas estão os interesses de poderosos grupos de empresas brasileiras ou multinacionais.

Quando você ler estas páginas, saiba que estamos falando do passado e do presente. Tudo que aconteceu no século passado, nos Rios Doce, Jequitinhonha e São Mateus:

- a militarização da região,
- a construção de quartéis nas áreas indígenas,
- a transmissão de doenças venéreas e outras,
- o assassinato de crianças indefesas,
- o estupro de mulheres indígenas,
- os massacres de aldeias inteiras,

é um retrato do que está acontecendo hoje no norte do país, no território do Povo Ianomami. Sua terra dividida, suas florestas transformadas em parques nacionais, decretos do governo diminuindo seu território e apoiando sem disfarce o genocídio e a agonia deste Povo, em nome da segurança e do desenvolvimento do país, a discriminação dos índios, as doenças, a prostituição, os estupros e assassinatos que acontecem com eles, não é muito diferente do que já aconteceu em Minas, com os Botocudos.

Este livro é um relato, uma denúncia, um alerta: o Vale do Rio Doce hoje é uma região devastada, o rio poluído pelas indústrias do Vale do Aço e das cidades vizinhas. Muitos índios, assim como o povo pobre e trabalhador, foram obrigados a migrar para outras regiões para ceder lugar à indústria, ao gado, e quem sabe às hidrelétricas que estão previstas pelo governo. Mas é também uma certeza de que, se os Krenak estão entre nós neste fim de século, já tendo enfrentado guerras, exílios, clandestinidade, opressão,

tudo indica que eles estarão entre nós no próximo século fazendo sua história!

Na parte final, a palavra é principalmente das mulheres KRENAK. São elas que no dia-a-dia da casa, do cuidado dos filhos, das roças, do ir e vir em busca de lenha onde só há capim, ainda se juntam à luta pela Terra, indo com seus companheiros às reuniões, congressos, encontros, tendo forte influência nas decisões da comunidade, na preservação da língua e dos costumes.

A solidariedade com os Krenak é uma exigência para cada um de nós, que sonhamos com uma sociedade onde as diferenças de cada povo e seus direitos sejam respeitados!

A Equipe do CEDEFES

1ª PARTE

NOSSA HISTÓRIA VEM DE LONGE...

Foto: Márcio Ferreira - Novembro/89

Laurita Krenak no 1º Encontro de Lideranças Indígenas de Minas Gerais e Espírito Santo, realizado em Governador Valadares, em 1989.

"No tempo em que os índios viram Deus pisando no chão das aldeias... Quando ele virou bicho do mato para experimentar quem era bom e quem era ruim".

Laurita Krenak - 1989

Esse tempo de que fala Laurita Krenak foi há milhares de anos atrás. Tempo que se perde na memória indígena, mas onde para sempre ficou marcado o tempo da fartura, da partilha, da caça abundante, da pesca, das matas povoadas pelos Espíritos.

Tempo em que o Jequitinhonha era apenas o Rio Grande, encantado e cheio de peixes. Quando o Mucuri era o Rio Arakuá, o São Mateus o Krikaré, o Doce era o Watu.

Tempo em que ao ruído das selvas se misturavam o canto dos guerreiros, o choro das crianças novas e o barulho da construção das aldeias, sem gado,

sem cercas.

Nesse tempo imemorial "Deus pisava o chão das aldeias" e era reconhecido pelos Borun.

Sim. Parece que são dois tempos. Um, este, em que tudo de bom acontecia. Outro, o tempo de hoje, depois do contato dos Borun com os KRAÍ-KRENTON, ou seja, com os não-índios. Em que se rompeu o equilíbrio entre o homem e a natureza, em que o templo sagrado das florestas foi profanado,

pela guerra,
pelos machados,
pelas cercas,
pelo garimpo,
pelo pé do boi,
pelo militar,
pelo padre.

E porque o tempo de inocência existiu, é que hoje se conhece e se sofre ainda o que veio depois. Por isso se luta e aperfeiçoa a ARTE DE RESISTIR.

É por isso que os Krenak de hoje lutam por sua terra, onde estão enterrados seus antepassados. Vítimas de massacres, das guerras ou da morte comum, sonham com a terra coberta de matas. E com a reconstrução do Kieme Breck.

* * *

Durante uma longa noite, os brasileiros acreditavam num grande Brasil, com uma única história, que era repetida dia após dia nas escolas. Essa história também era aprendida pelas crianças. E era de novo ensinada pelos adultos.

Os Povos Indígenas e Africanos estiveram silenciados aparentemente... Mas iam tecendo sua malha invisível no dia-a-dia, das fazendas,

das aldeias,
dos bairros pobres,
no coração de cada um.

Muitos olhos estavam cegos a esta história, a esta malha, que se tecia nos terreiros, dentro das casas, nas casas das Mães-de-Santo, no convívio da mãe, da avó, do pai... No Jequitinhonha, no Mucuri, São Mateus, Rio Doce, no Rio das Contas e no Rio Pardo. Hoje muitos ainda repetem:

– "Eu não sou índio não. Minha avó, meu avô e minha mãe era. Mas pai já era civilizado."

– "Minha avó, coitada! Não sabia nada. Era bugra. Foi pega no laço e criada numa fazenda. O filho do dono da fazenda é que tirou ela de casa. Ela teve minha mãe."
– "Ela foi batizada. Aprendeu falar. Civilizou."
– "Meu avô foi aldeado em São Miguel... Virou gente. Aprendeu falar."

A TEMPESTADE VEIO, E O CAPIM DOBROU COM A VENTANIA. MAS CERTO DIA NA DÉCADA DE 80...

Num bairro pobre de Teófilo Otoni, para espanto de muita gente, um velho guerreiro Botocudo continuava realizando o RITUAL MAIS ANTIGO DE SEU POVO: sentado no chão, bem perto da terra, os filhos, as filhas, os netos, parentes, gente descendente de índios, negros e mestiços, ao seu redor, ouviam o VELHO GUERREIRO contar mais uma vez, numa linguagem que é só poesia, a HISTÓRIA DE SEU POVO!

- "E nós estamos aqui hoje - concluía ele.
Sem a terra, sem a mata, na favela.
Mas é preciso juntar o Povo de novo,
porque o Povo foi separado.
É preciso ter a terra, plantar.
E aí vai ter árvore. Basta querer.
E aí vai crescer a mata.
E virão os bichos. E a criançada.
E os velhos vai ter que cantar de novo.
E ensinar a meninada a caçar.
A correr com o invasor" (1)

Um sonho? Uma lenda? Os Povos do Mucuri, Jequitinhonha, Rio Doce, São Mateus, do Rio das Contas, do Rio Pardo estão aí, no meio de nós. Vamos nos olhar. Vamos nos conhecer. Vamos nos descobrir. Vamos aprender de novo a fazer crescer a mata, a formar a criançada para a vida. É só ter olhos para descobrí-los. E os ouvidos para ouví-los.

PARA VOCÊ REFLETIR

1. Você é descendente de índios?
De onde eram seus parentes antigos?
Se não sabe...
Pergunte aos seus parentes mais velhos.
Resgate sua história.

1.1 PRESTE ATENÇÃO.
A HISTÓRIA VAI COMEÇAR.

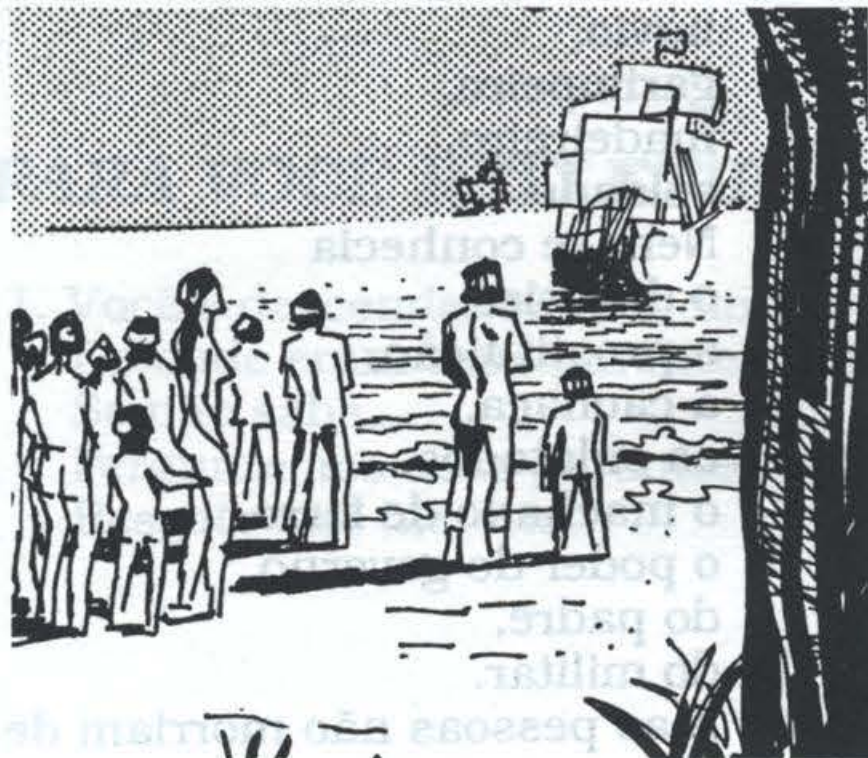
Narração fantástica feito por um velho índio Guerén, guerreiro solitário, que nos transmite a história de resistência de seu Povo. Ou de como os Povos Indígenas observaram com o olho crítico as manobras dos vários colonizadores para submetê-los e roubar-lhes a Terra.

Vivendo no meio dos brasileiros, o velho guerreiro Botocudo realiza o ritual que aprendeu dos antepassados: conta a história do seu povo. Assim aviva a MEMÓRIA. Não esquece. Afirma sua diferença. Defende sua identidade! Continua sua resistência!

– Antigamente, no tempo dos nossos mais antigos parentes,
não existia esse nome Brasil.
Também eram desconhecidos nomes como:
Tupã,
civilizado,
cristão,
navio,
garimpeiro,
madeireiro,
soldado.
Nem se conhecia
o dinheiro,
a prostituição,
a cachaça,
os enlatados,
o machado de ferro,
o poder do governo,
do padre,
do militar.
E as pessoas não morriam de varíola,

gripe,
sarampo,
sífilis,
malária,
ou simplesmente com um TIRO...
Antigamente,
contam os antigos parentes Krenak:
"... habitava no céu uma enorme quantidade
de Espíritos chamados Tokon.
Eles receberam este nome dos homens comuns
que não podiam vê-los e nem entrar em contato com eles.
Essas pessoas chamam
os TOKON de RAÇA DOS ESPÍRITOS MARET.

Eles se parecem com os índios comuns.
Vivem no céu em riqueza e abundância.
Possuem tudo que os brasileiros têm,
sem nunca terem precisado trabalhar.
Para os Maret não há doença nem morte.
Por isso são muito bondosos para os Krenak.
Nunca ficam zangados com eles.
Nesse tempo, quando a terra era coberta de matas,
os Krenak não tinham necessidade de trabalhar.
Os Maret, seus protetores lhes davam tudo de que
necessitavam.
Quando precisava de alguma coisa,
o índio recorria aos Maret
e logo eles mandavam o que ele pedia.
Nas caçadas também não era preciso muito esforço.
Fazia-se os pedidos nos rituais
e as caças apareciam com facilidade.
Os Maret também faziam roçados
e davam força para as plantas crescerem.
Assim os Krenak apenas derrubavam a mata
e iam embora.
Quando voltavam a plantação estava madura. (2)

MAS UM DIA OS TUPI QUE VIVIAM NO LITORAL LEVARAM UM GRANDE SUSTO!!!

1500 - Seres estranhos chegam à Terra dos Tupi

Os velhos pajé de nossa gente
já estavam falando sobre a chegada de outra gente entre nós.
Mas nossa cabeça nunca pensou como seria.
Como nós encontraríamos com essa gente,
que um dia ia chegar?
Os sonhos do pajé não diziam.
E certo dia os Tupi viram chegar os navios!
Muitos ficaram assustados com
"aqueles enormes monstros
de cuja cabeça saía fumaça,
e de cujas bocas descia uma infinidade de homens,
com o rosto cheio de pêlos, e os corpos cobertos,
da cabeça aos pés com uma estranha pele." (3)

E lhe dão presentes: espelhos, miçangas, panos coloridos...

Eles eram diferentes sim.
E pareciam amigos,
pois nas mãos traziam muitos presentes.
No entanto, não pediam permissão
para entrar nas aldeias.
Nem se dirigiam aos nossos velhos!
Os presentes eram distribuídos
a quem se aproximasse deles.
São miçangas coloridas, espelhos,
machados, panos vermelhos,
objetos de cores e formas jamais vistos
pelos guerreiros ou pelas mulheres dos Tupi.
"Que estranho objeto é este que reproduz
nossa cara e corpo?
Que ri e que se mexe quando rimos
quando movimentamos...
mas que ao mesmo tempo não podemos tocar?"

"Nossos parentes mais antigos
jamais nos falaram desse estranho objeto
que se despedaça no chão,
e que nos multiplica,
em muitos pequenos nós em seus cacos." (4)

Do outro lado estão os Kraí.
Descem dos navios, também estão curiosos.
E se extasiam diante da beleza da mata,
das aves,
das praias infinitamente brancas,
dos animais,
da abundância de alimentos.
E se abismam diante dessa gente bonita, saudável,
despreocupada com sua nudez.
Que ri como criança
e se diverte com as quinquilharias que lhe são oferecidas,
dizem os parentes.

"E recebem... camisas, chapéus, facas e outros artigos como ferramentas..." "... cortavam, desbaratavam, serravam e toravam o pau-brasil..." "... Depois levavam nos ombros as toras 2 ou 3 léguas por montanhas e terrenos acidentados até a beira do mar, dos navios que ali ancoravam..." (5)

Inocentes, eles não sabem ainda que,
embutidos nos presentes,
chegam os germes da gripe, da varíola,
do sarampo, do egoísmo e da divisão...
E que na mão desses estranhos seres,
que não conhecem a mata,
que dependem totalmente deles para sobreviver,
alvo da curiosidade e das brincadeiras,
estão também as armas da morte.
Durante longo tempo, eufóricos,
em troca dos presentes trazem araras, papagaios,
colares, frutas, caças, pau-brasil.
Mas se os primeiros encontros foram assim,
não é verdadeiro o jeito como os colonizadores contam
a história a partir daí.
Os mais antigos antepassados da nossa gente
não assistiram pacificamente a invasão de seus territórios,
o roubo de suas crianças e mulheres,
a escravidão de seus mais valentes guerreiros.
De colaboradores, eles vão ficando exigentes.
Cansados de miçangas e espelhos, exigem armas, que são úteis para caçar, para defender.
E nem sempre os portugueses se dispunham a realizar a troca...

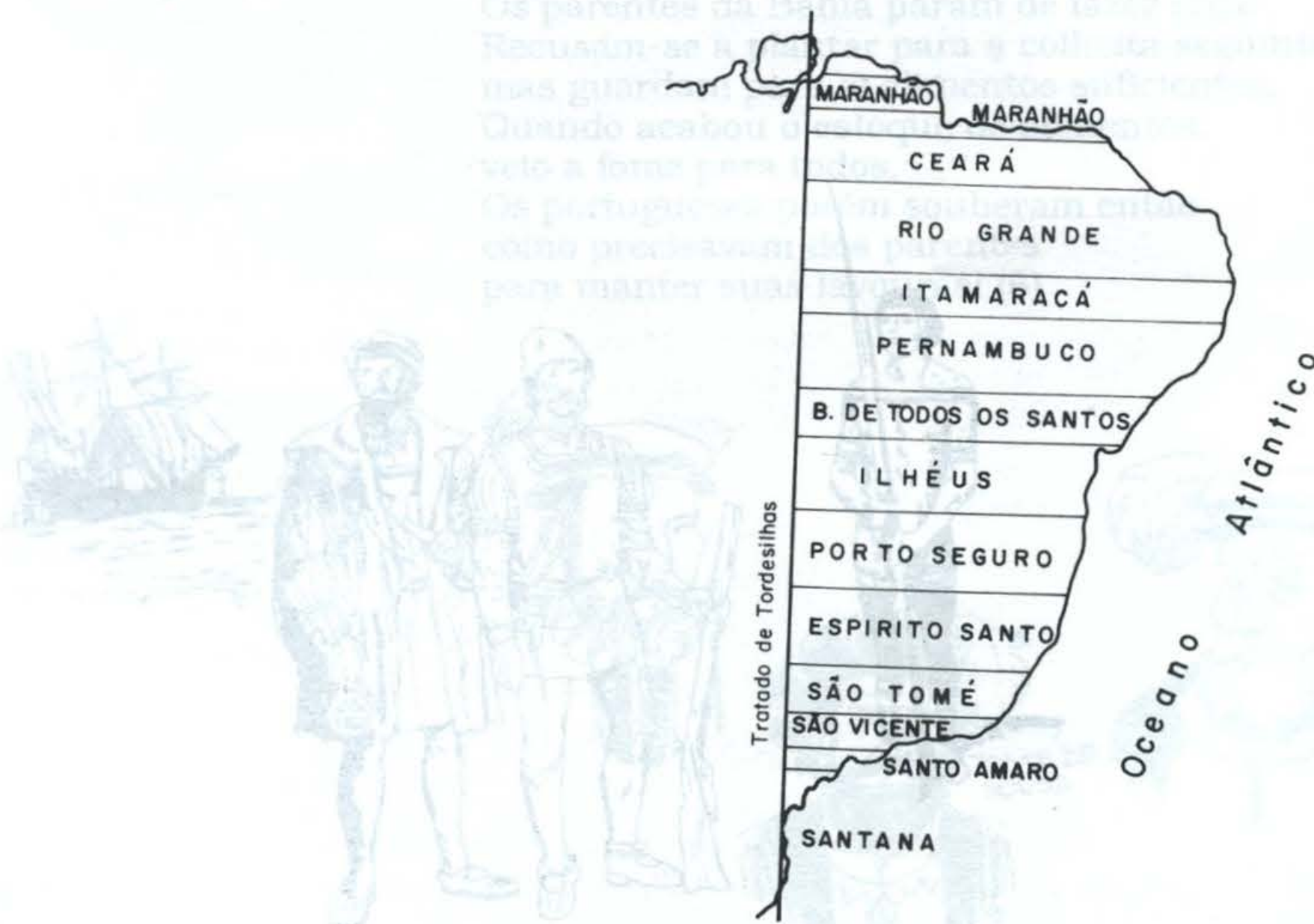
1501 - As expedições para conhecer o litoral e o interior. A busca dos minérios.

Não contentes com o que já tinham conseguido,
os Kraí Krenton procuram
mais e mais conhecer o interior.
"Ali - dizem os Tupi - moram os nossos inimigos,os Tapuia."
Organizam então muitas e longas viagens para conhecer mais o litoral e o interior.
Não lhes basta o que já possuem.

Agora sonham com o ouro e muitas pedras preciosas.
E por onde passam, mudam os nomes dos lugares,
das montanhas, dos rios.
Colocam nomes que são caros à sua gente.
Sem perguntar se ali nós já tínhamos dado outros nomes.
Descobrem muito pau-brasil e já sabem seu destino:
vão vendê-los para seus países.

1505 - Francisco Espinoza e Padre A. Navarro encontram os Botocudos e os descrevem.

Contam os portugueses
que enviaram uma grande expedição
chefiada por Francisco Espinoza.
Era seu companheiro o padre Azpilcueta Navarro.
Sobem os rios Buranhém, Jequitinhonha,
São Mateus.
E retornam e contam
que encontraram um povo numeroso
entre os rios Pardo e Jequitinhonha,
e que ele se enfeita com grandes rodelas de madeira
nas orelhas e no lábio inferior.

OS PORTUGUESES SE APRESSAM
ELES AGEM RÁPIDO.
E SE INSTALAM.
E MAIS RÁPIDO AINDA SE SENTEM DONOS.

Os Portugueses dividem as Terras Indígenas que recebem o nome de Capitanias Hereditárias.

1534 - As terras são divididas em Capitanias Hereditárias.

De longe o Grande Chefe dos portugueses
dá ordens para dividir os territórios
em Capitanias... E seus donos, os portugueses,
vão dividindo nossas terras em pedaços menores...
que também são doadas, sem nos consultar.
Precisam de gente para trabalhar.
E escravizam nosso povo!
São nosso povo, embora os Tupi
e nossos antepassados
vivessem em constantes guerras.
E fossem nossos inimigos mortais.

Os territórios indígenas são divididos e entregues aos Donatários.

Hoje vemos de longe
que muitos de nossos parentes,
sendo da mesma raça, da mesma origem,
se aliaram com os inimigos.
E mesmo assim não se salvaram
da ira dos portugueses.

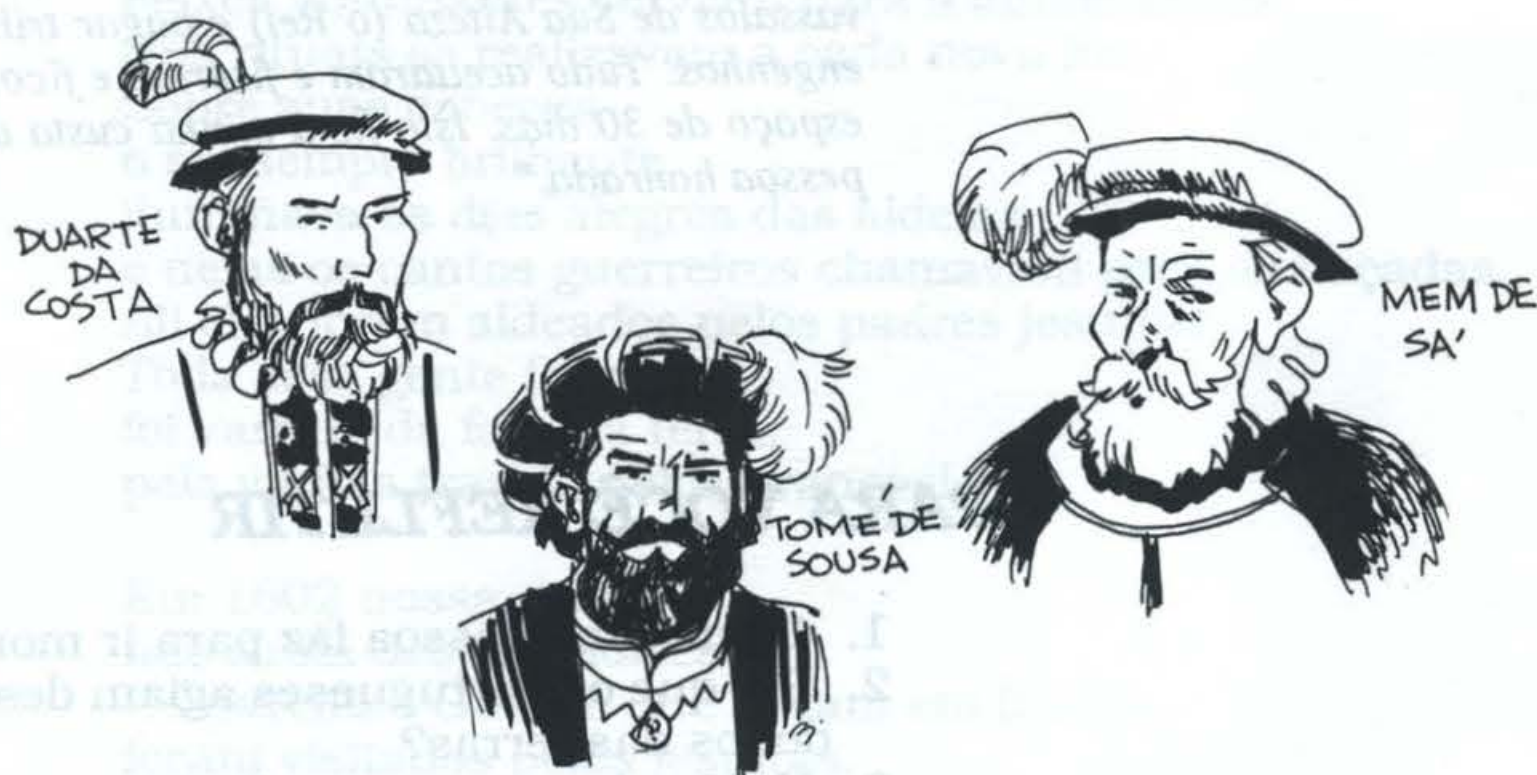
1549 - Os Governadores Gerais e a vinda dos jesuítas. Começa a catequese organizada.

Tempos depois eles mudam o jeito de governar.
Mas para os nossos não muda nada.
Também chegam os padres jesuítas.
Muitos de nós são confundidos
e já abandonam a tradição, a religião antiga.
Alguns deles vão para as matas
para impedir que seus parentes fossem escravizados.
E muitos parentes descem para as aldeias dos padres.

1557 - A Guerra Justa contra os Tupinikin

Mas no litoral e por toda parte
onde os colonizadores passam
é um desastre para os parentes.
Contaram meus pais,
que os fazendeiros que já tinham
grandes canaviais na beira do mar,
plantaram canas nas roças dos Tupinikin.
Eles já não podiam fazer roças.
E assim morreriam de fome.
Pois ninguém pode viver de comer cana.
Os parentes atacaram o Engenho,
mostrando que a terra era deles.
Os fazendeiros trouxeram tropas das cidades
e expulsaram os Tupinikin.
Queimaram as aldeias.
Mataram muita gente.
E declararam que era GUERRA JUSTA.
Fizeram dos parentes que sobreviveram seus escravos.
Mesmo sabendo que só alguns haviam se revoltado,
todas as aldeias foram obrigadas a pagar
com produtos e com escravos os estragos dos engenhos.

Os Tupinikin param de trabalhar.

Os vencidos procuravam acalmar a raiva dos colonos.
Tudo era inútil.
Eles diziam que os parentes tinham "voltado a comer gente".
E os ameaçavam para obter alimentos.
A tensão e o sofrimento eram insuportáveis.
Os parentes da Bahia param de fazer roça.
Recusam-se a plantar para a colheita seguinte,
mas guardam para si alimentos suficientes.
Quando acabou o estoque de alimentos,
veio a fome para todos.
Os portugueses porém souberam então
como precisavam dos parentes
para manter suas lavouras! (6)

Os três primeiros Governadores Gerais enviados para governar, administrar, fazer guerra aos índios e manter as Terras sob controle de Portugal.

1557 - Mem de Sá comanda o massacre dos Tupinikin.

A violência deles não pára aí.
Neste ano chega o novo governador
e ele próprio acrescentou mais sofrimento a este povo.
Em 1557 o governador Mem de Sá chega à Bahia.
Ele pessoalmente comanda o massacre dos Tupinikin,
e escreve esta carta:

O MASSACRE DE ILHÉUS-BAHIA (contado por Mem de Sá) (7)

"Nestes tempos veio o recado ao governador como o gentio (o indígena) Tupinikin da Capitania de Ilhéus se alevantava e tinha morto muitos cristãos e destruído e queimado todos os engenhos dos lugares, e os moradores estão cercados e já não comiam senão laranjas. Logo pus (reuni) em conselho e posto que muitos eram que não fosse, por não ter poder para lhes resistir nem o poder do imperador, fui com pouca gente que me seguiu.

Na noite em que entrei em Ilhéus fui a pé em uma aldeia que estava a 7 léguas da vila em um alto pequeno, todo cercado de água ao redor de lagoas. E a destruí e matei todos os que quiseram resistir e na vinda vim queimando e destruindo todas as aldeias que ficam atrás. Porque o gentio se ajuntou e me veio seguindo ao longo da praia, lhes fiz algumas ciladas, onde os cerquei e os forcei a lançarem-se a nado no Mar da Costa (muito) brava. Mandei outros índios atrás deles, que os seguiram perto 2 léguas e lá no mar pelejaram de maneira que nenhum Tupinikin ficou vivo. E os trouxeram à terra e os puseram ao longo da praia em ordem (de forma) que tomavam os corpos (alinhados) perto de 1 légua.

Fiz outras muitas saídas em que destruí muitas aldeias fortes pelejei com eles outras vezes em que foram muitos mortos e feridos e já ousavam estar senão pelos montes e brenhas onde matavam cães e galos e, constrangidos da necessidade, vieram a pedir misericórdia e lhes dei pazes com condições que haviam de ser vassalos de Sua Alteza (o Rei) e pagar tributos e tornar a fazer engenhos. Tudo aceitaram e fizeram e ficou a terra pacífica em espaço de 30 dias. Isto fiz à minha custa dando mesada a toda pessoa honrada."

PARA VOCÊ REFLETIR

1. Como uma pessoa faz para ir morar em outro país?
2. Por que os portugueses agiam dessa forma com os Povos donos das terras?
3. Você sabe por que se diz "Guerra Justa"?

FAZENDO A MEMÓRIA

ALGUMAS DATAS QUE AJUDAM VOCÊ A LOCALIZAR OS ACONTECIMENTOS:

Em 1534 o sistema de governo do Brasil passa a ser o das Capitanias Hereditárias. Aumentam os atentados contra a mulher indígena, contra a posse da terra e a liberdade dos Povos Indígenas - presos, os índios são vendidos para os trabalhos nos canaviais.

Em 1549 acaba o regime das Capitanias. Começa outro sistema: o Governo Geral - sendo o primeiro governador - Tomé de Souza. Ele não impede a escravidão dos índios. Chegam os primeiros missionários jesuítas.

Em 1553 o segundo governador - Duarte da Costa - reinicia a escravização dos índios e o roubo de terras indígenas próximas às colônias.

Em 1557, Mem de Sá é governador. Os Tupinikin se negam a plantar, ocorre fome geral na província. 34.000 Tupinambá são aldeados pelos jesuítas. Massacre dos Tupinikin por Mem de Sá.

A vida dos Tupinambá na Ilha de Itaparica - Bahia

Os Tupinambá viviam há muitos anos
na Ilha de Itaparica, na Bahia.
Era uma ilha enorme com árvores
imensas e cheias de frutas.
Podiam pescar, viver e morrer
sem que nada os incomodasse.
Velhos e jovens se banhavam
nas águas azuis do mar.
Peixes abundantes serviam para a alimentação
e os rituais se realizavam a cada nova lua.
Sobre suas cabeças
o sol sempre brilhante
iluminava os dias alegres das aldeias
e nelas os cantos guerreiros chamavam para as caçadas.
Ali eles foram aldeados pelos padres jesuítas.
Toda essa gente feliz
foi varrida da face da terra,
pela varíola trazida pelos brancos! (8)

1602 - Os Guerén ou Kren são levados de Ilhéus para Itaparica.

Em 1602 nossa gente
não sabia dessas mortes.
Os parentes Guerén que viviam em Ilhéus
foram visitados pelos jesuítas.

Com boas palavras um padre
os levou para uma grande caminhada.
Ao longo dos caminhos
partilharam sua sabedoria.
Nossa gente gostava de andar
e era bom seguir em frente
conhecendo lugares novos e deslumbrantes,
aprendendo coisas sobre as quais
nosso espírito jamais havia sequer suspeitado.
E assim chegamos à Ilha de Itaparica.
E aí os parentes tiveram a primeira surpresa!
Adoeceram de varíola, como os Tupinambá. (9)
Ali morreram muitos dos nossos,
dessa terrível febre e dores de cabeça
e bolhas por todo o corpo.
Muitos se atiravam nas águas
quando a febre era demais.
E as coisas se complicavam.
Amedrontados os parentes que se salvaram
fugiram para as florestas
e nunca mais aceitaram
contato com o branco!

As Capitanias de Ilhéus e Porto Seguro invadem territórios dos GUERÉN - começa a resistência.

Dividindo os nossos Territórios
e invadindo-os,
criaram os portugueses as Capitanias de Ilhéus
e Porto Seguro.
E depois que os Tupinikin se recusaram a trabalhar,
os colonos precisaram de mais escravos
para tocar suas lavouras.
Desta vez foram atrás de nossos parentes
que viviam no interior.
Mas nosso povo já estava atento e organizado;
jamais nenhum de nós aceitaria viver curvado,
nas enxadas, diante dos invasores. (10)

Reunidos em assembléias decidimos enfrentá-los.
Escolhemos os lugares mais importantes para atacá-los.
E invadimos a Vila de Ilhéus
e um outro local importante, o Cairú,
onde eles comercializavam a farinha.
Os colonos reagiram, se organizando.
Mas pensaram mal a sua estratégia...
Colocaram 6 a 8 soldados em cada fazenda.
Mas os nossos olhos eram muitos.
E divididos eles eram nosso alvo fácil.
Derrotados, resolveram construir um forte em Cairú
e ali se juntavam todos os soldados.
Mas como os moradores podiam pedir socorro,
se as fazendas e os povoados eram distantes?
Nossos guerreiros organizados
atacavam em vários locais ao mesmo tempo.

1.2 DECLARAÇÃO DE GUERRA JUSTA CONTRA OS GUERÉN

**TAMBÉM NOS DECLARARAM "GUERRA JUSTA"
COMO AOS TUPINIKIN.
E PODERÍAMOS SER APRISIONADOS, VENDIDOS
E ESCRAVIZADOS.
E LUTAMOS ENTÃO COM MAIS GARRA.**

A estratégia dos Guerén.

Os velhos antepassados brasileiros
contam em seus livros
que nossos guerreiros eram invencíveis.
De surpresa,
pela manhã,
um grupo de guerreiros atacava uma vila
para assim ter tempo de se refugiar
nas matas com segurança.
Davam seu grito de guerra.
E os brancos, quando não caíam
atingidos por suas flechas, morriam... de medo!

João Amaro - famoso extermi-nador de índios, é contratado pelos fazendeiros do Recôncavo Baiano para comandar a GUERRA.

Incapazes de vencer os Guerén
mandavam vir caçadores de homens,
como o paulista João Amaro
com seu exército de índios treinados
para caçar seus próprios irmãos.
Eles percorreram as matas de Ilhéus,
do Rio Pardo, do Rio Jequitinhonha,
do Rio Salsa e vão até o Vale do São Francisco,
queimando aldeias,
matando e aprisionando nossa gente.
E abrem as estradas.
Mas em todas as aldeias e vilas,
dentro das matas, na beira dos engenhos
e das casas de farinha, nas feiras,
os nossos irmãos não perdiam tempo e vigiavam.
E as notícias corriam velozes,
nas asas do vento, para as matas.
Notícia de índio é o vento que leva!
Atacavam as aldeias dos padres jesuítas
para soltar os índios que ali viviam
(Tinharé, Camamu, Boipeba...)
Talvez eles se resolvessem a sair da escravidão! (11)

1.3 A CONFEDERAÇÃO DOS GUERÉN NA BAHIA - 1658 EM DIANTE

A guerra continuava terrível. Não era possível controlar a ira do nosso povo vendo nossos guerreiros desmoralizados, distribuídos entre os caçadores de homens, nossas mulheres parindo filhos que dos nossos só tinha a cara, pois seus pais portugueses desde cedo lhe ensinavam o ódio contra sua própria gente!

Os mamelucos de São Paulo eram piores que os próprios paulistas. Sabíamos que muitos Guerén estavam nos aldeamentos de Nossa Senhora dos Remédios no Rio de Contas, no local chamado São José da Barra Longa. Outros, na aldeia de Nossa Senhora da Conceição dos índios Guerén e na aldeia de São Fidélis, trazidos do Fundão e Itaípe, em Ilhéus.

O velho guerreiro dá o nome dos caçadores e assassinos dos Guerén.

João Amaro, Estevão Bayão Parente,
Rodrigues Arzão, Francisco Dias Prado,
Pedro Ferreira da Silva, Manuel Moreira de Sá,
Luiz Dias de Souza, Domingos Homem D'El Rey,
Gaspar Rodrigues Adorno, Affonso Ruiz
foram trazidos pelo governador da Bahia.
São nomes que nosso povo guarda,
pois durante anos nós os enfrentamos
nas matas da Bahia.
Eles aprisionaram os povos das aldeias
de Maracá e Orobó, Pixo-Pixo e Camisão
e em prêmio se tornaram
fazendeiros, recebendo terras e escravos índios. (12)

Os Guerén se unem aos outros Povos Indígenas e fazem aliança com os negros dos Quilombos.

Mas ainda havia muitos lugares
nesta extensa terra
mais ao sul e centro onde viviam os parentes.
E para lá migramos.
Aos milhares, descíamos em pequenos grupos
de homens, mulheres, crianças e velhos.
Atravessamos matas, rios e serras.
Longas noites e dias se passam,
e por várias vezes a lua e o sol se põem
atrás das montanhas.
E chegamos aos Rios de Contas, Pardo,
Gongogy e Jequitinhonha.
E novamente nos confederamos
com os Aramariz, Oriz, Prokaz,
e com os da Pedra Branca
e com os da região de Jaguaripe e Maragogipe.
Juntos começamos a mais prolongada resistência
que os brancos invasores já puderam enfrentar.
E desta vez ganhamos valiosos aliados.
A nós se juntaram os escravos fugidos das fazendas
e que se organizavam nos seus Quilombos.
Juntos atacamos o inimigo comum. (13)

Onde se deram os ataques da Confederação dos Guerén e dos Quilombos.

Os nossos do São Francisco
desceram e combateram
as forças de Francisco de Souza Almeida.
Os da Serra da Tiúba unidos aos negros,
assaltaram o São Francisco e ali se batem
com Felizardo Lisboa e seus comandados.
Os negros do Rio de Contas,
unidos também aos nossos da Bahia
dão cabo de João Roriz Vieira,
enviado para massacrá-los. (14)

Combate e resistência dos negros e índios.

E os brancos e seus exércitos se juntam.
João Ribeiro Dias,
Francisco da Silva Sampaio,
Manoel Mendes Maria,
José da Motta Verde,
João de Souza Ferreira,
Nicolau de Souza e Lima,
todos com grande número de índios e brancos
bem treinados para combater nosso povo
e os quilombos espalhados
pelo Rio Jequitinhonha, Rio Pardo,
Rio de Contas, e pela região de Cairú,
Conquista e Arassuaí.
Domingos Dias Prado reprime os índios
do Rio Piauy, da margem do Jequitinhonha
e do Arassuaí,
que impediam a extração do ouro. (15)

Os negros aliados que viviam nos povoados, eram contratados para levar os caçadores de índios...

E nós por muitas vezes
os vencemos na ponta das flechas,
nas bordunas,
nas emboscadas,
nos incêndios,
na astúcia.
Por muitas vezes, acostumados
a se servirem dos negros como guias
pra caçar índios,
foram guiados por negros aliados
que "jamais acertavam o caminho..."
Nossa gente fez parar as minas de ouro
de Jacobina, do Rio de Contas
e as do norte de Minas.

De 1658 a 1806 os Guerén defendem sua terra, sua vida. São 148 anos!

Sim.
Foram anos de luta feroz,
em que os nossos antepassados
aliados aos africanos e seus descendentes
TRAÇARAM A DIREÇÃO E O CAMINHO
QUE NOSSA GENTE DEVE SEGUIR SEMPRE.
SEU SANGUE E SUA OUSADIA,
SUA ALTIVEZ,
MARCARAM A HISTÓRIA DE CONQUISTA,
CONDEÚBA, MARACÁ, JEQUITINHONHA,
PARDO, GONGOGY, CANAVIEIRAS, BELMONTE,
MACAÚBAS, BARRA DO MENDES, LAVRAS
DIAMANTINAS, ILHÉUS
E TODA A MARGEM DO SÃO FRANCISCO. (16)

FAZENDO A MEMÓRIA

A VIDA QUE OS GUERÉN NÃO QUERIAM

Leia abaixo como eram organizadas as BANDEIRAS DE CAÇA AO ÍNDIO.

"Não com a espada nem com a flecha que o paulista poderá desbaratar o inimigo superior em número, conhecimento do terreno e desprezo da vida. O que lhe assegura a vitória são a pólvora e a bala."

"Que lhe falta ao bandeirante, assim armado e equipado para engolfar-se no desconhecido? Falta-lhe o complemento indispensável de toda armação: as correntes de duas ou mais braças de comprimento. Com cinquenta ou mais fuzis ou anéis, jungidos uns aos outros pelo pescoço, com as gargalheiras, que os cadeados reforçam. É assim que se arrastam semanas e meses os índios arrancados das tabas e reduções para o cativeiro..." (17)

PARA VOCÊ REFLETIR

1. Com quem os Guerén se aliaram na defesa da Terra e da vida?
2. Em que regiões aconteceu essa grande confederação?

2ª PARTE

NOSSA GENTE CONTINUA FAZENDO A HISTÓRIA...

Foto: Walter Garber/1911

Capitão Muin, filho do velho Krenak, morto possivelmente de tuberculose em 1926

"O Governo do Rio de Janeiro é rico.
O daqui é pobre.
O de lá anda de terno e gravata.
O daqui anda nú.
O de lá come arroz.
O daqui passa fome."

Capitão Muin - 1914

Os Povos Tapuia são alvos da guerra.

A busca da riqueza das minas fez com que alguns territórios indígenas fossem invadidos primeiro. Os colonizadores, em 1500, entraram em contato com os Tupinambá da grande família Tupi. Depois foram os territórios dos Tapuia, aqueles povos que viviam no interior: Aymoré, Gren, Kren ou Guerén e outros a quem fizeram guerra.

A influência das Bandeiras Paulistas nas Minas Geraes.

Uma região de garimpo é como um barril de pólvora pronto para explodir. Todo garimpeiro sabe disso. Muitos são os conflitos que acontecem nas Minas Geraes nesse tempo. De um lado estão os interesses dos colonizadores. Do outro lado estavam os interesses dos negros, dos índios, dos brasileiros pobres que sonhavam com a liberdade, das mulheres indígenas raptadas e escravizadas, dos mestiços... A passagem de tanta gente nessas regiões foi dando origem a muitas vilas, povoados, cidades que ainda hoje conservam o nome dado pelos índios e mamelucos que acompanhavam as Bandeiras. Nomes como Pitangui, Passa Quatro e outros. Até o final do século XVIII só se falava no Brasil as línguas indígenas, as línguas africanas, a língua geral (baseada no tupi organizada pelos jesuítas). O português era usado só em documentos oficiais.

As minas estão esgotadas já no século XVIII.

Mas as minas não são eternas. Passados os tempos elas começam a se esgotar. No começo do século XVIII muita gente começa a procurar outras regiões para explorar, porque elas estão se esgotando.

2.1 QUE POVO É ESTE?

Foto: Walter Garber/1911

Estrutura da aldeia Krenak. Região do Rio Pancas - ES.

Os vários nomes que foram dados aos povos que viviam nos vales dos Rios de Contas, Gongogy, Pardo, Jequitinhonha, Mucuri, Rio Doce, São Mateus.

AIMORÉ: Durante parte do período colonial.

Nome dado pelos Tupi aos povos que não viviam no litoral e não eram do seu grupo.
Inicialmente eram chamados de Tapuia.
TAPUIA - Os povos que moravam no interior.
AIMORÉ - Termo que pode vir das palavras Tupi:
Aim-Poré: habitante das brenhas.
Aim-Boré: malfeitor.
Aim-Buré: os que usam botoques de embaré (árvore barriguda).
Guai-Muré: gente de nação diferente.
Aim-Biré: nome do chefe indígena que se aliou com os franceses e que é citado por Padre Anchieta no poema Confederação dos Tamoio.

GUERÉN GREN-KREN: século XVII em diante

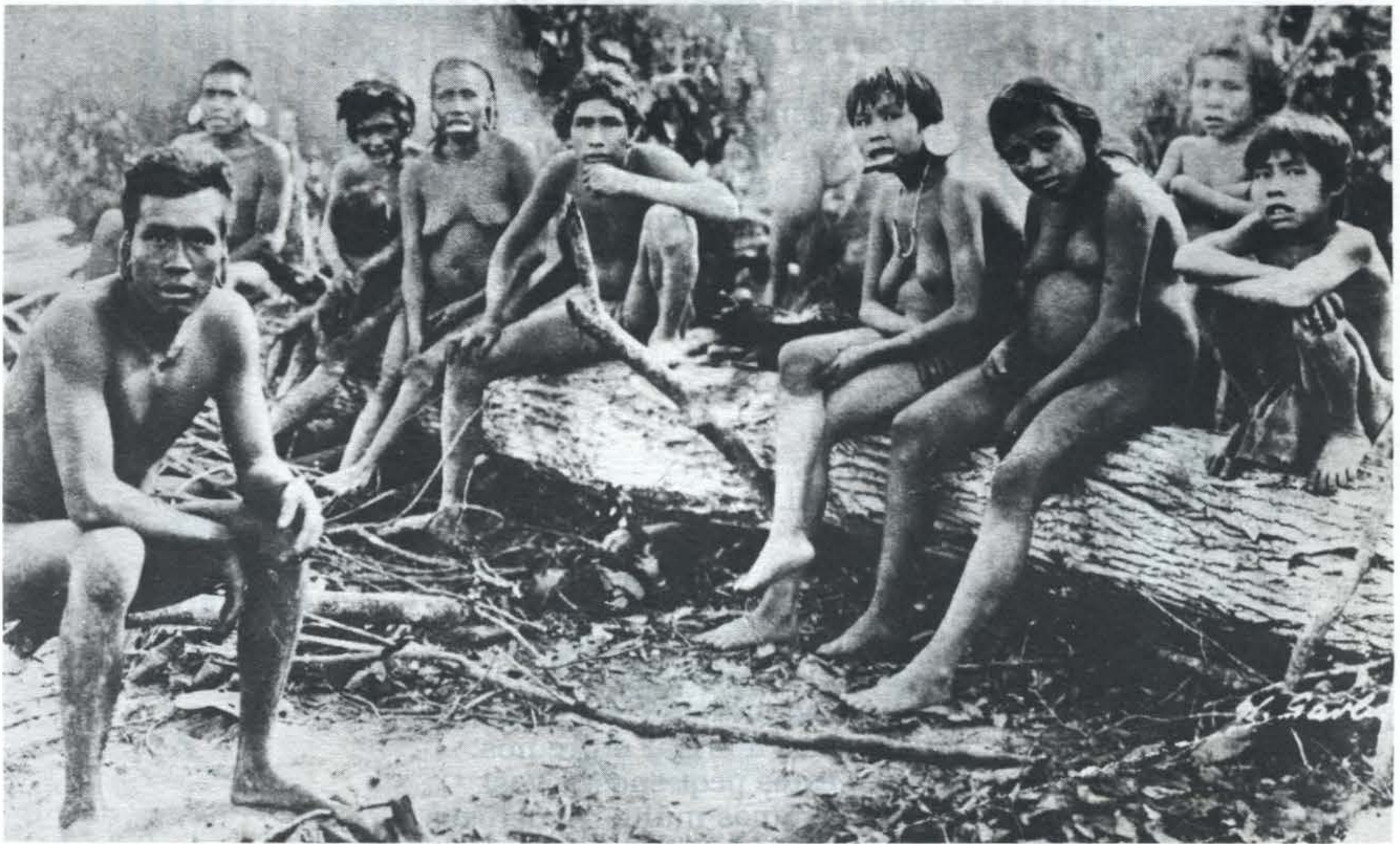
São assim chamados na medida em que os colonizadores foram conhecendo-os melhor e levando-os para os aldeamentos.
Kren: cabeça.

BOTOCUDOS: século XVIII	São todos os Povos que formavam a grande família Aimoré. Passam a ser chamados de Botocudos, como forma de criticar os índios que usam os enfeites nas orelhas e nos lábios. Botocudos vem de botoque: nome dado, pelos portugueses à rolha com que se fecha o barril de cachaça.
ENGREKMUN: século XIX	Nome com que eles próprios se identificavam no Vale do Mucuri - Minas Gerais. Significa: andarilho. (18)
BORUN	Nome com que os Krenak se identificam até hoje. Significa: os índios. Em oposição a KRAÍ: os não-índios. (19)

BAHIA
TUPINAMBA
R. PARAGUAÇÚ
KAMURU KARIRI
TUPINAMBA
GUEREN
1650.1673
KAMURU
KARIRI
R. CONTAS
PAYAYA
GUEREN
1816
GONGOGI
GUEREN
KAMAKÃ
KAMAKÃ
PATACHO
GUEREN
1600
R. PARDO
KAMAKÃ
PATACHO
TUPINAMBA
MASAKALI
TUCANUÇU
R. JEQUITINHONHA
MASAKALI
TUPINAKI
TUPINAKI
BAKUÉ
1866
MALALI
MAKONI
MASAKALI
MAPAXÓ
CATAGUA
MASAKALI
1888
R. MUCURI
1866
PATACHO
MASAKALI
URUKU
PATACHO
MASAKALI
MAKUNI
ARANÃ
POTEN
POJIXÁ
R. SUAÇUÍ GRANDE
1912
MASAKALI
MALALI
MONOSO
ETWET
MINAS GERAIS
NAKNANUK
1758
MINYÃ = YIRUEN 1938
TAKRUKRA. ANKET 1911
NYERNYER. 1886
ETWET
1907
NAKREHÉ
R. MANHUAÇU
NAKREHÉ
ESPIRITO
SANTO
GUARANI
NAKREHÉ
1886
R. DOCE
TERRITÓRIO DOS POVOS
INDÍGENAS (em MG, BA, ES)
DETALHE DO MAPA-ETNO
HISTÓRICO DE KURT NIMUENDAJU
ANO: 1944
TAMOYO

A memória do povo é guardada, repetida, de século para século! E o velho Guerén continua a contar sua História.

Nossa gente já se espalhava
desde o Rio de Contas,
Gongogy,
Pardo,
pelo Vale do Jequitinhonha,
Vale do Mucuri,
Vale do Rio Doce,
Vale do São Mateus
e seus pequenos rios!
Das suas matas e das suas águas,
tirávamos nosso sustento.
Milhares de aldeias se espalhavam
pelas clareiras da grande floresta.
E por muito tempo vivemos em relativa paz.
Podiamos ter filhos,
erguer aldeias,
fazer festas,
caçar...

Foto: Walter Garber/1911

Povo Gut-Krak Krenak - Região do Rio Pancas/ES

Quando o grupo se tornava numeroso
e ficava difícil conseguir alimentos,
e de se mudar de um lugar para outro
sem chamar atenção,
aprendemos que nos defendíamos melhor,
que era mais fácil organizar nossa gente
e enganar os inimigos,
quando éramos grupos pequenos.
E assim nos dividíamos em grupos pequenos
e mudávamos de nome!
O nome que o novo grupo recebia
era o nome daquele índio cheio de sabedoria que ia conduzir
o grupo,
ou o nome do rio,
da região
ou montanha onde isso acontecia.
E passamos a nos chamar:
GUT KRAK: carapaça (casco) de tartaruga.
KREN NAK: cabeça (da) terra.
POTÉ: abelha negra.
MIÑAJIRUN: água branca.
NAKREHÉ: terra bonita.
NAKNENUK: morador da terra.
Os civilizados pensavam que éramos
um povo muito maior,
pois aparecíamos em muitos lugares.
E eles se assustavam!

Outra gente diferente de nós
também vivia nestas regiões,
tendo aí seus territórios.
Ali caçavam, pescavam
e também tinham suas aldeias.
Eram os Kamakã,
Pataxó,
Malali,
Mongoyó,
Makuni,
Meniam,
Maxakali.

Quando os civilizados aumentavam
e invadiam nossas terras,
a fome chegava para todos.
A caça, a pesca... já tinham acabado.
E nós, ao invés de nos juntarmos,
passamos a brigar entre nós.
Nós e estes pequenos povos!
Como éramos muito numerosos,
muitos deles pediam abrigo nos quartéis
e se aliaram com os brancos
e se tornaram seus soldados.
E juntos nos caçavam!

Também eles estavam lutando
e defendiam seu povo.
Os Monãyxop Maxakali
muitas vezes derrotaram também
estes invasores do Arakuá!
Assim contavam os parentes antigos! (20)

Desenho dos mastros rituais dos Maxakali feito por Carmindo Maxakali/ 1984

2.2 OS "LÍNGUA" - MATADORES PROFISSIONAIS - A SERVIÇO DO LATIFÚNDIO E DOS MILITARES.

Os "LÍNGUA" ou intérpretes eram, muitas vezes, filhos de índia com português e falavam a língua dos índios! Eles eram usados para introduzir novos hábitos na comunidade e destruir aos poucos a cultura indígena.

O sossego das aldeias
dependia em grande parte
da chegada de um branco.
Os brancos inventaram mil formas
para acabar com nossa gente.
Em algumas aldeias eles chegavam nus como nós,
e em nossa língua se diziam perseguidos pelos Kraí.
E nós os acolhíamos.
Assim aconteceu na LIMEIRA, município de Pavão,
no Mucuri.
O "LÍNGUA" viveu algum tempo conosco,
aprendeu o dia-a-dia das nossas aldeias.
Nossos guerreiros dormiam
com os cordões dos arcos retesados,
as flechas e a borduna ao alcance da mão,
prontos para a defesa.
Durante muitas luas
esse estranho esteve entre nós.
E já não nos inquietava quando à noite
ele ia fora do Kieme para urinar,
ou como nós, para ver o caminho das estrelas.

O Massacre da Limeira. Contado em 1985 - periferia de Teófilo Otoni.

Assim, uma noite,
ele se levantou como sempre fazia,
cortou os cordões dos arcos,
foi na beira do córgo e deu o sinal.
Os Kraí-Krenton (os soldados)
escondidos na mata,
desceram como urubus
e avançaram atirando sobre a aldeia.
Os nossos levaram as mãos aos arcos...
Os cordões estavam cortados...
As bordunas desapareceram!
Os Kruk, aterrorizados, se agarravam às mães!
E se deitavam nos rios de sangue,
e se fingiam de mortos...
Durante longo tempo
só se ouviam gritos e tiros.
Muitos gritos!
Muitos tiros!
Gritos dos nossos
quando destroçavam os soldados.
Gritos das nossas valentes mulheres
quando eram violentadas!
Assim trabalhavam os "LÍNGUA"
para "matar uma aldeia",
diziam os Kraí! (21)

Nesse tempo de perseguição e guerra,
nossos antepassados,
homens e mulheres,
usavam bonitos enfeites de madeira
nas orelhas e na boca,
que nos diferenciavam de outra gente,
e que eram o sinal de que éramos
o povo escolhido pelo MARET KHMAKNIAN. (22)
Nossas mulheres, a cada nova festa,
se tornavam mais lindas
ao se enfeitarem dessa forma,
cumprindo a vontade
do nosso mais velho antepassado!

Foto: Walter Garber/1911

Jovens Krenak com adornos labiais.

O uso do "IMATÓ", costume ensinado pelo mais velho ancestral, MARET KHMAKNIAN, ajudava a ouvir melhor, a ver, observar mais, a falar melhor!

E cada turma era preparada para a festa!
Durante muitos dias
as mulheres preparavam a pasta de Uruku
para untarem os guerreiros.
Também eram pintados com a tinta prêta
feita de genipapo maduro.
E colares de contas brancas
ali ficavam mais bonitos.
E bonitos apareciam para as danças.
Os olhos rodeados de um círculo preto,
para ver melhor. (23)
O uso dos "IMATÓ" nas orelhas e nos lábios
nos faziam ouvir mais
e falar melhor.
Sim!
Nossos guerreiros eram valentes
como as onças!
Muitos pintavam o corpo
como o pêlo da onça!
Por causa dos nossos enfeites,
os Kraí passaram a nos chamar "BOTOCUDOS".
No entanto, esses enfeites para eles
era algo feio, horrível...
E diziam:
"Os Botocudos eram horríveis, deformados..."
No entanto nós seguíamos
as ordens do MARET KHMAKNIAN! (24)
Esse era o nosso sinal!
Os Kraí, no entanto,
rindo, criticando do nosso costume,
fizeram nossos jovens
se sentirem envergonhados
e abandonaram a tradição.
Enfraqueciam, assim, nosso povo!

FAZENDO A MEMÓRIA

Em 1779 - século XVIII - foi fundada em Portugal a Academia de Ciências de Lisboa. Era uma equipe de profissionais que fazia pesquisas para o governo português. Eles estavam procurando novas formas de explorar as colônias para o governo continuar tendo lucros. O assunto mais pesquisado era o esgotamento das minas. Eles falavam que no Brasil havia um grande impedimento para desenvolver a região do Rio Doce:

. os índios Botocudos,
. as febres,
. as cachoeiras do Rio Doce.

As propostas para vencer esses problemas eram:
. acabar com os índios que ocupavam a região,
. incentivar a mineração no Rio Doce,
. incentivar a agricultura,
. incentivar o comércio.

Assim eles iriam facilitar a importação e exportação de produtos, abrindo também estradas na direção do Espírito Santo. Para isso tudo era preciso ocupar a terra. Para ocupar a terra era preciso derrotar os Povos Indígenas.

"Ali a natureza produz de tudo para compensar a preguiça dos índios." (1789 - José Eloy Ottoni)

Em 1808 a guerra contra os Botocudos e sua resistência já eram conhecidos na Europa. Ela se localizava mais no sul da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo. Os interessados em investir na região não perdiam tempo. Escreviam cartas, davam queixas, pressionavam e pediam providências:

"Nessa capitania se acha ainda terreno incomensurável ocupado pelo gentio chamado Botocudo, o mais bravo do Brasil, particularmente nas margens do Rio Doce que é constantemente reputado por muito rico de ouro, e muito fértil em todos os gêneros..."

"Expulsando o gentio, descortinando o rio e feitas povoações capazes de resistir ao mesmo gentio se podem empregar muitos desses braços ou inúteis ou prejudiciais."

"Vê-se claro que desafrontadas as margens do Rio Doce com os cortes de madeiras, estes antropófagos se achariam na precisão de largarem suas habitações; e uma vez perseguidos se embestegariam pelos matos à proporção que estes fossem desmanchando, com o andar do tempo se domariam (se é possível domar monstros desse toque)."

"...Visto que seja possível outro meio que não seja o da força para propor tais monstros engelados na fereza e sedentos de sangue humano."

"O único meio que há a seguir é fazê-los recuar com a força armada ao centro das matas virgens que habitam."

São descritos os ataques dos Botocudos a São Miguel, Barra Longa, Furquim, próximas às grandes cidades da Capitania, Mariana e Ouro Preto, em 1807 e 1808. Os índios, possivelmente acompanhando a movimentação dos brancos, ouvindo boatos, sendo perseguidos, fazem uma série de ataques na região, obrigando mais de 100 moradores a abandonar o Vale do Rio Doce.

E são solicitadas providências para a manutenção da "segurança" e "propriedade" dos colonos! "A nação dos Botocudos é inimiga essencial da espécie humana e como tal deve ser destruída e exterminada por direito." (Antônio Gonçalves Gomide, Procurador da Câmara)

"Para sensibilizar o coração e a bolsa do Príncipe ele diz que os Botocudos mataram mais de 20 pessoas nesses dias em local muito vizinho às fazendas de Sua Excelência."

Os bravos defensores dos "Sertões do Leste", como era chamada a área de matas entre o litoral e as minas, fizeram uma verdadeira barreira para os colonizadores. Muitos destes colonizadores desistiram de morar nessa área. Esperavam uma Política Indigenista do Governo que afastasse os índios para eles ocuparem a terra.

O Príncipe D. João VI recebe muitas cartas com informações detalhadas sobre a colonização da região.

Assim, ele declara GUERRA aos Povos do Rio Doce. (25)

CARTA RÉGIA - De 13 de maio de 1808

Manda fazer guerra aos índios Botocudos

D. João VI recebe denúncias contra os Botocudos que defendem seus territórios.

Pedro Maria Xavier de Ataíde e Mello, do meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania de Minas Geraes. Amigo. Eu o Príncipe Regente vos envio muito saudar. Sendo-me presentes as graves queixas que da Capitania de Minas Geraes têm subido à minha real presença, sobre as invasões que diariamente estão praticando os índios Botocudos, antropophagos, em diversas e muito distantes partes da mesma Capitania, particularmente sobre as margens do Rio Doce e rios que no mesmo desaguam e onde não só devastam todas as fazendas sitas naquellas visinhanças e tem até forçado muitos proprietários a abandonal-as com grave prejuizo seu e da minha Real Coroa, mas passam a praticar as mais horriveis e atrozes scenas da mais barbara antropophagia, (...)

Os Botocudos derrotam os invasores.

(...) tendo-se verificado na minha real presença a inutilidade de todos os meios humanos, pelos quaes tenho mandado que se tente a sua civilisação e o reduzil-os a aldear-se e a gozarem dos bens permanentes de uma sociedade pacifica e doce, debaixo das justas e humanas Leis que regem os meus

povos; e até havendo-se demonstrado, quão pouco util era o systema de guerra defensivo que contra elles tenho mandado seguir, visto que os pontos de defeza em uma tão grande e extensa linha não podiam bastar a cobrir o paiz: sou servido por estes e outros justos motivos que ora fazem suspender os effeitos de humanidade que com elles tinha mandado praticar, ordenar-vos, em primeiro logar.

Declaração de Guerra.

Que desde o momento, em que receberdes esta minha Carta Regia, deveis considerar como principiada contra estes Indios antropophagos uma guerra offensiva que continuareis sempre em todos os annos nas estações seccas e que não terá fim, senão quando tiverdes a felicidade de vos senhorear de suas habitações e de os capacitar da superioridade das minhas reaes armas de maneira tal que movidos do justo terror das mesmas, peçam a paz e sujeitando-se ao doce jugo das Leis e promettendo viver em sociedade, possam vir a ser vassallos uteis, como já o são as immensas variedades de Indios que nestes meus vastos Estados do Brazil se acham aldeados e gozam da felicidade que é consequencia necessaria do estado social.

Formação de milícias armadas para atacar os índios. - Soldado índio ganha menos.

Em segundo logar sou servido ordenar-vos que formeis logo um Corpo de Soldados pedestres escolhidos e commandados pelos mesmos habeis Commandantes que vós em parte propuzestes e que vão nomeados nesta mesma Carta Régia, os quaes terão o mesmo soldo que os dos Soldados Infantes; e sendo Indios domesticos, poderá diminuir-se o soldo a 40 réis, como se faz na guarnição dos Presidios dos Barretos e da Serra de S. João (...)

A terra dos índios é dividida entre os comandantes.

(...) Em terceiro logar, ordeno-vos que façais distribuir em seis districtos, ou partes, todo o terreno infestado pelos Indios Botocudos, nomeando seis Commandantes destes terrenos, a quem ficará encarregada pela maneira que lhes parecer mais proficua, a guerra offensiva que convêm fazer aos Indios Botocudos (...)

Estratégia da guerra.

(...) A estes Commandantes ficará livre o poderem escolher os soldados que julgarem proprios para essa qualidade de duro e aspero serviço, e em numero sufficiente para formarem diversas Bandeiras, com que hajam constantemente todos os annos na estação secca de entrar nos matos; ajudando-se reciprocamente não só as Bandeiras de cada Commandante, mas todos os seis Commandantes com as suas respectivas forças, e concertando entre si o plano mais proficuo pára a total reducção de uma semelhante e atroz raça antropophaga. Os mesmos Commandantes serão responsáveis pelas funestas consequencias das invasões dos Indios Botocudos nos sitios confiados à sua guarda, logo que contra elles se prove omissão, ou descuido:

Os índios aprisionados deveriam ser escravos por dez anos ou toda a vida.

Que sejam considerados como prisioneiros de guerra todos os Indios Botocudos que se tomarem com as armas na mão em qualquer ataque; e que seja entregues para o serviço do respectivo Commandante por dez annos, e todo o mais tempo em que durar sua ferocidade, podendo elle empregal-os em seu serviço particular durante esse tempo e conserval-os com a devida segurança, mesmo em ferros, enquanto não derem provas do abandono de sua atrocidade e antropophagia.

Quem matar mais terá salário maior.

Em quarto logar, ordeno-vos que a estes Commandantes se lhes confira annualmente um augmento de soldo proporcional ao bom serviço que fizerem, regulado este pelo principio que terá mais meio soldo aquelle Commandante que no decurso de um anno mostrar, não sómente que no seu districto não houve invasão alguma de Indios Botocudos, nem de outros quaesquer Índios bravos, de que resultasse morte de Portugueses, ou destruição de suas plantações; mas que aprisionou e destruiu no mesmo tempo maior numero, do que qualquer outro Commandante (...)

Fiscalização da perseguição aos índios.

(...) Em quinto logar ordeno-vos que em cada tres mezes convoqueis uma Junta que será por vós presidida (...) na qual fareis conhecer do resultado de tão importante serviço; e me dará conta pela Secretaria do Estado de Guerra e Negocios Estrangeiros, de tudo o que tiver acontecido e for concernente a este objecto, para que se consiga a reducção e civilisação dos Indios Botocudos, si possível for, e a das outras raças de Indios que muito vos recommendo e podendo tambem a Junta propor-me tudo o que julgar conveniente para tão saudaveis e grandes fins, particularmente tudo o que tocar à pacificação, civilisação e aldeação dos Indios (...)

Controle do Rio Doce.

(...) Propondo-me igualmente por motivo destas saudaveis providencias contra os Indios Botocudos, preparar os meios convenientes para o futuro a navegação do Rio Doce, que faça a felicidade dessa Capitania, e desejando igualmente procurar, com a maior economia da minha Real Fazenda, meios para tão saudavel empreza; assim como favorecer os que quizerem ir povoar aquelles preciosos terrenos auriferos, abandonados hoje pelo susto que causam os Indios Botocudos (...)

Quem invadir mais terra fica dez anos sem pagar o dízimo.

(...) vos ordeno que em todos os terrenos do Rio Doce actualmente infestados pelos Indios Botocudos, estabeleçais, de accordo com a Junta da Fazenda, que os terrenos novamente cultivados e infestados pelos Indios, ficarão isentos por dez annos de pagarem dizimo a favor daquelles que os forem por em cultura de modo que se possa reputar permamente: que igualmente fique estabelecida por dez annos a livre exportação e importação de todos os generos de commercio que se navegarem pelo mesmo Rio Doce (...)

Moratória para os grileiros da terra indígena durante seis anos.

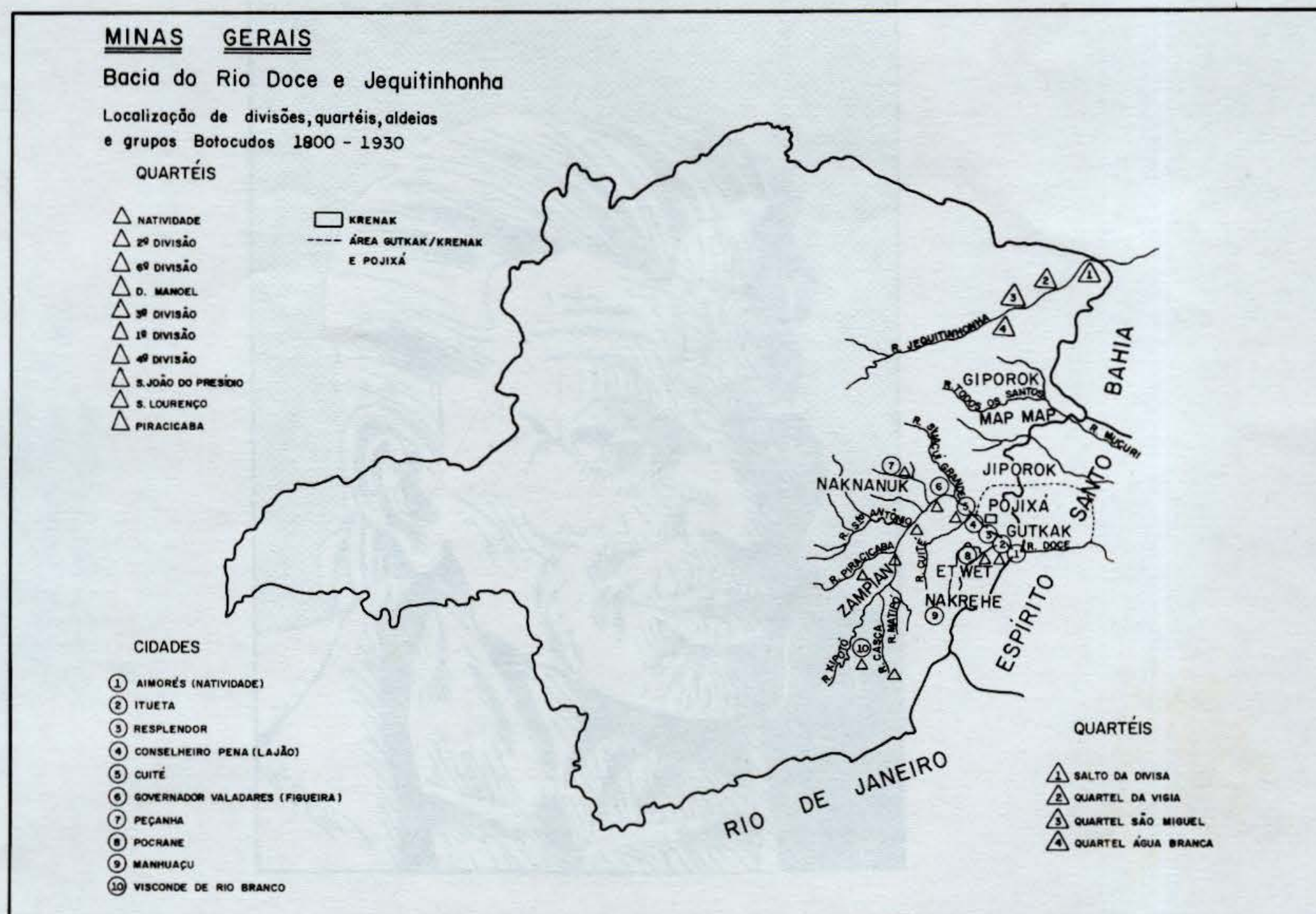
(...) que finalmente fique decretado, que concedo a todos os devedores da minha Real Fazenda que forem fazer semelhantes estabelecimentos de cultura e de trabalhos auriferos, a especial graça, de uma moratoria, que haja de durar seis annos da data desta minha Carta Régia, em cujo periodo não poderão ser inquietados por dívidas que tenham contrahido com minha Real Fazenda, (...)

Dada no Palácio do Rio de Janeiro em 13 de maio de 1808

Príncipe D. João VI (26)

(a cópia desta Carta Régia se encontra, na íntegra, nos arquivos do CEDEFES.)

Pelo decreto cria-se também a Companhia de Colonização e Navegação do Rio Doce e Civilização dos Índios.

Seguindo o curso do rio são criadas seis Divisões Militares, e inúmeros quartéis surgiram na região para dar cobertura à chegada dos colonizadores e segurança aos que cobiçavam as terras, os minérios e a navegação do rio. Cada Divisão possuía um comandante que era o Senhor-Todo-Poderoso, a quem cabia o bom êxito da política de guerra contra os índios.

Os nossos já estavam acostumados à guerra.
Durante muitas e muitas luas
vimos desaparecer nossos parentes;
chorando enterramos seus corpos
no chão do kieme.
Ao redor plantamos mandioca,
batata,
cará
e ao seu lado colocamos seus arcos e flechas.
Assim, ao se libertarem do corpo,
cada uma de suas almas teriam alimento!
Muitos dos parentes
foram covardemente envenenados
no ARAKUÁ, no KRIKARÉ...
E enquanto morriam
os Kraí faziam festa e bebiam...
Outros estavam morrendo de tuberculose,
sarampo,
gripe,
bexiga,
que pegavam quando os Kraí
davam roupas de doentes a eles!

CUIDADO! OS KRAÍ-KRENTON ESTÃO CHEGANDO!

E vimos o cerco apertar.
Nossos muitos olhos viam surgir
por toda parte os quartéis no Watu,
no Jequitinhonha,
no Krikaré,
no Arakuá.
Grupos saíam para nos atacar.
O cano de suas armas nos miravam.
Ao relâmpago que elas vomitavam
caíam muitos mortos.
E vimos que a guerra ia ser muito violenta.
MESMO ASSIM NOS ORGANIZAMOS E RESISTIMOS!

O trabalho dos comandantes das Divisões Militares.

. Os comandantes exerciam o poder militar e civil e também eram responsáveis pelo exercício legal da violência. Isso quer dizer que eram eles que puniam os índios e não-índios que estivessem contra a política do governo.
. Deviam fazer avançar a invasão dos territórios indígenas.
. Deviam militarizar as aldeias, recrutando "índios mansos" para aumentar o número de soldados.
. Capturar, escravizar e distribuir os guerreiros aprisionados entre os fazendeiros.
. Distribuir as terras conquistadas entre os colonos.
. Controlar e dividir os aldeamentos.
. Controlar os assentamentos de colonos nas terras conquistadas.
. Facilitar a concessão de terras. (27)

A Lei de Terras - Carta Régia de 09.12.1808.

Bandos armados de Kraí caíam sobre nós
e nos diziam de peito aberto,
armas nas mãos:
"Nosso governo decretou que essas terras
é do Estado.
É devoluta.
Nós a conquistamos dos bugres."
Outros, como formigas,
invadiam as terras
de onde nossos parentes expulsavam os Kraí.
Uma e outra eram distribuídas aos "colonos"
e seus pés pisavam
as sepulturas dos nossos parentes.
Lutamos até 1819
e tivemos muitas perdas.
Mas em nenhum momento os militares
e seus bate-pau se sentiam vencedores!

Então criaram muitos quartéis.
E toda uma raça ruim de Kraí-Krenton
chegou para ficar rica,
para ganhar a terra, terra dos BORUN.
Dizem os Kraí que seu governo
chamou para ali muita gente ruim
para ser soldado e nos combater:
presos de cadeia, ladrões de toda espécie,
degredados.
E recebiam farda, e em bando nos caçavam,
queriam a terra limpa!
Essa gente, no entanto,
recebia dinheiro para matar.
Era contratada para matar.
Tinha profissão de matador,
como Diogo Cão,
famoso pelas matanças de índios no sul
e que, contratado pelo governo,
foi para o Watu, disfarçado como
"gente que procurava pedra esmeralda."
Também fizeram um quartel no CUIETÉ.
Ali prendiam negros, mestiços,
brasileiros pobres trazidos de outros lugares.
Eles fugiam pela floresta,
caíam em nossas mãos
e nós os destroçávamos.

Foto: Walter Garber/1911

Povo Gut-Krak Krenak. Jovens fazendo fogo. Região do Rio Pancas-ES.

1808 - 1819: Os Botocudos derrotam os militares em 11 anos de luta pela vida. (28)

Nossa gente parecia invencível!!!
A selva nos acolhia e abrigava.
E fomos aprendendo a enganar o inimigo,
aprendendo a ficar vivo
e inventamos muitos jeitos
de pegá-los de surpresa!
Os jovens guerreiros,
que lutavam durante o dia,
descansavam à noite à beira da fogueira,
com seus enormes arcos ao alcance da mão,
prontos para o ataque.
Os velhos cuidavam da vigilância.
Não! Não podíamos confiar nos jovens,
que cansados da luta,
corriam o risco de dormir!

O uso dos IMATÓ nos lábios e orelhas
e a pintura dos olhos
nos ensinavam a afinar o ouvido,
a falar pouco, a observar muito.
E assim,
o leve chiado de uma folha que caía,
o estalo de um galho seco,
o pio de passarinho
na escuridão da mata,
eram alarmes!
Jamais os parentes faziam abrigos
junto às cachoeiras,
pois seu barulho
impedia de ouvir passos dos Kraí
ou de animais selvagens!
E foram feitas muitas emboscadas
nos boqueirões
onde nenhum civilizado
escapava de nossas flechas.
Jamais os atacamos, de dia,
frente a frente.
E se pilhávamos suas casas,
se atacávamos as tropas e as fazendas,
o fogo queimava todo o resto!
Sim, nós dizíamos aos Kraí:
"Também nós queremos limpar a área!" (29)
De Três Barras, no Jequitinhonha,
chegavam mensageiros falando
da revolta dos Naknenuk.
Ali os civilizados assaltavam aldeias
e roubavam nossos Kruk para criá-los
nas fazendas ou para vendê-los
no Grande Rio Salgado.
Os parentes atacavam as fazendas
para recuperar seus filhos
e então ocorriam novas mortes,
novas fugas para as matas!

Nós não sabíamos,
e nem nossos Pajé conseguiam explicar
porque dessa tragédia.
Escorraçados, caçados, mortos e,
se presos, escravizados
e objeto de riso dos Kraí.
Muitos dos nossos se submetiam,
se entregavam, cansados de resistir,
loucos para continuarem vivos
e sofrendo menos.

E era triste vê-los nos quartéis subjugados.
Não. Já não eram BORUN, nem eram Kraí!
E não sabiam como fugir da correia
que os amarravam e apertavam por dentro,
cada dia mais um pouquinho.

Mapa da Força existente nas 7 divisões do Rio Doce e Jequitinhonha - junho de 1832. Menores índios na guerra como soldados.

FAZENDO A MEMÓRIA

1819 - GUIDO MARLIÈRE CHEGA AO RIO DOCE.

O governo muda a política indigenista. Após 11 anos de guerra cruel, com um exército de malfeitores, despreparados para um combate nas selvas do Rio Doce, o governo inicia uma nova política indigenista. Guido Marlière, militar francês, é enviado para essa região. Seu primeiro trabalho é realizado dentro dos quartéis. É preciso preparar os militares, pois a estes só interessa o "soldo" depois da missão cumprida:

. impede o tráfico de crianças índias;
. procura um bom relacionamento com os índios;
. estava provado, em 11 anos de luta, que os Povos Indígenas não entregariam a terra e nem se dobrariam diante das armas de fogo. Por isso ele exige cessar-fogo;
. os interessados nas terras ficam descontentes pois isso era "regalia" demais para os índios. O projeto de colonização tinha que dar resultado imediato! (30)

Pararam então de nos perseguir
como passarinhos.
Muitos dos nossos são atraídos
pela canjica dessa arapuca,
famintos,
doentes,
cansados,
suas peles se colam nos ossos.
E as mães se arrastam cansadas
das inúteis fugas com os filhos no cacaio.
E vão para os quartéis
para continuarem vivas.
Agora os Kraí se dividem
em BONS e MAUS.
O chefe branco, Marlière, e seus ajudantes
trazem presentes, falam de amizade.
E diz que os Kraí devem
parar com os ataques.
Mas muitos de nós já sabíamos
que a PAZ DELES era para ficar
sem problemas com nossas terras!
E ajudar a chegar o GUAPOK, o caminho de ferro!

Milícias armadas, a serviço dos fazendeiros, invadem as terras, destroem aldeias. Começavam ali as fazendas - plantavam café, roças... provando que poderiam receber o documento da sesmaria.

Nos quartéis conhecemos a desmoralização,
víamos nossos guerreiros
escravos nas fazendas,
nossas mais bonitas mulheres
a serviço dos Kraí odiados,
nas casas de prostituição.
E não era 'a toa que Ramalhete
era chamado de Rendez-Vous dos Naknenuk!
Nossa gente ia sendo aprisionada
e levada para os aldeamentos.
Outros iam para se juntar aos parentes.
Outros muitos eram repartidos
entre os fazendeiros,
o que aumentava nossa dor.
E os donos das terras
e dos BORUN presos, apenas eram obrigados
a lhes dar roupa e comida
e ainda lhes ensinar a religião dos Kraí!
Os Kraí aumentavam,
nossa terra diminuía.
Eles chegavam com armas de fogo,
invadiam a terra,
expulsavam os parentes,
abriam roças. Estava assim provado
que já podiam receber documento da terra.
Se recusando ao contato com os Kraí-Krenton
os NAKREHÉ,
os GUT KRAK do Rio Pancas
os KRENAK,
os TAKRUK KRAK,
os POJIXÁ,
os KRAKMUN e PEJAURUN do Jequitinhonha,
Os ETWET,
os NAKNENUK,
os JIPOROK no Todos os Santos e Morro da Arara,
os MIÑAJIRUN,
os ARANÃ,
os POTEIN,
os KRAKATÃ
e muitos outros isolados,
fizemos da mata nosso refúgio
para resistir!
E assim, nosso Povo se defendia.
De fato,
  por toda parte
    a luta era desigual
    contra os Krenton, os loucos!

Foto: Walter Garber/1911

Povo Gutkrak-Krenak. Guerreiros na mata - Rio Pancas/ES.

Nossos parentes faziam os fojos:
e dentro deles
colocavam espetos de bambu
que davam fim aos que
caíam nas armadilhas!

E armávamos paus
que como espadas
faziam saltar longe
suas cabeças.

Em nenhum lugar
para onde eram levados pelos brancos,
aprisionados,
ou transferidos,
jamais diziam:
- Esta agora é minha
Terra,
meu canto,
meu descanso.

Estavam sempre
mudos, mas de cabeça firme.
E cada vez voltávamos
para a terra onde nascemos.

FAZENDO A MEMÓRIA

Em 1822, D. Pedro acaba com a concessão de sesmarias em todo o país. Mas como a Constituição de 1824 nada estabelece sobre a questão de terras, a POSSE DIRETA, através da invasão (armada ou não) se torna a forma mais comum de se obter terras.

No Rio Doce (Minas Gerais e Espírito Santo), no entanto, apesar dessa proibição, a concessão de sesmaria continua a acontecer até 1836!

É UM ATO CONTRA A CONSTITUIÇÃO, CONTRA O POVO, CONTRA A NAÇÃO! PARA EXECUTAR UMA POLÍTICA GENOCIDA, CONTINUA A DOAÇÃO DE TERRAS INDEPENDENTE DE SER ELA O INSTRUMENTO DE EXTERMÍNIO FÍSICO E CULTURAL DE MUITOS POVOS! (31)

Em 1829, Guido Marlière, tendo feito amizade com os índios e entendendo a tragédia que ocorre na região, é afastado do Rio Doce. E a violência se redobra contra os índios. Denunciado, pressionado, ele desabafa: "Há treze anos que grito aos sucessivos governos contra os matadores e opressores de índios. Nunca tive senão respostas evasivas, devassas de encomendas que não se verificavam, ordens sem execução. Não se enforcou até hoje um só matador de índio!" (32)

2.3 A GUERRA DE 1808 NO VALE DO JEQUITINHONHA

No Jequitinhonha conhecemos
Os Kraí da Reza,
os In-jak de Tupan.
Eles usavam vestidos compridos,
e queriam nos salvar.
Muitos deles eram bons,
e nós lhes queríamos bem de verdade.
Mas também nós queríamos nos salvar
dos Kraí Krenton.
Mas como?
Suas palavras,
suas forças,
suas armas,
nos deixavam em suas mãos,
e também eram poderosos os seus pajés.
Assim nos diziam,
e nos prendia essa sua amizade
com o Tupan.

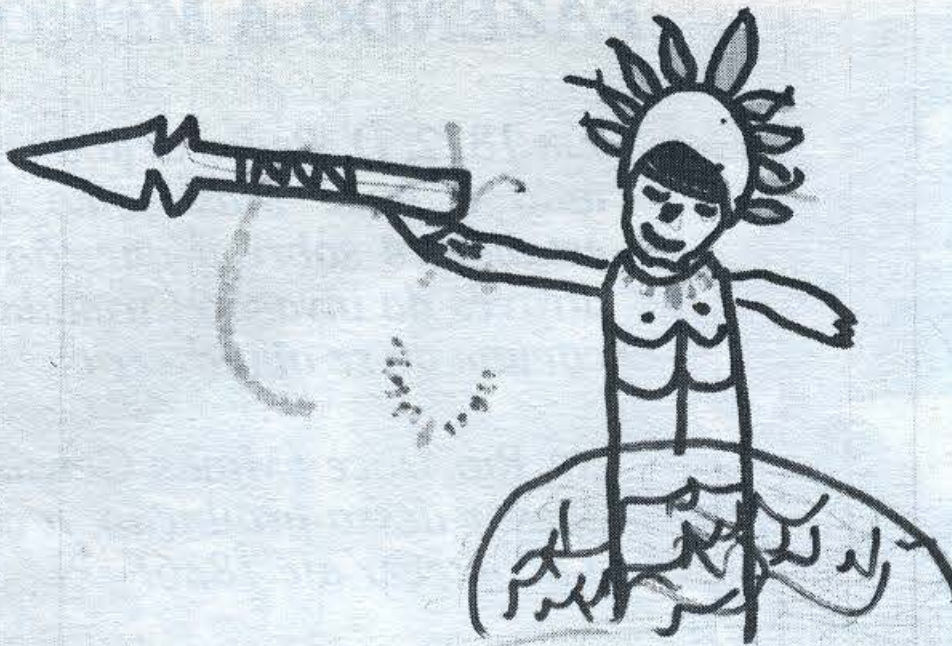



Foto: Albertino/1987

Sá Celestrina. Índia de Jampruca - Vale do Jequitinhonha (Falecida em 1987, com 120 anos)

No Quartel de São Miguel do Jequitinhonha
chegamos a ser 2000 Naknenuk
morando com os brancos,
com os Malali,
Maxakali
e outros parentes.
Os Maxakali
porém voltaram para a Aldeia Grande,
no Umburanas,
descontentes com os soldados
que abusavam de suas mulheres.

Foto: Geralda Soares/1986

Remanescentes indígenas do Jequitinhonha.
Guaranilândia, antigo Farrancho, município de Jequitinhonha.

A guerra no Jequitinhonha ia do Calhau até Belmonte.
Aí nós combatemos ferozmente.
Na verdade já era uma segunda guerra,
pois nessa terra os parentes Guerén
e os negros dos Quilombos lutaram antes de nós!
São Miguel (Jequitinhonha),
Água Branca (Joaíma),
Vigia (Almenara),
Estreito,
do Salto (Salto da Divisa),
dos Arcos,
foram quartéis,
sedes de combate, de onde saíam os soldados.
E por todo canto pipocavam quartéis,
aldeamentos,
e vilas:
Itinga,
Araçuaí,
Rubim,
Pampam (Fronteira dos Vales),
Minas Novas,
Setúbal,
Itamarandiba!

Cercados de todos os lados,
por gente de todo tipo,
as matas cortadas,
facões, machados,
incêndios,
se davam as mãos
na destruição da mata e do nosso povo!
Labaredas como serpentes enlouquecidas
devoravam as matas,
secavam os rios.
E tontos
ficávamos desprotegidos
e sem ter onde
pedir abrigo
na hora da guerra!

FAZENDO A MEMÓRIA

No Jequitinhonha a invasão dos Territórios Indígenas acontece de duas formas:

. é feita por pessoas, grupos e bandeiras que vêm do litoral para o interior;

. é também feita por gente que desce das nascentes do rio indo na direção do litoral (garimpeiros, negros escravos que fundam muitos quilombos, mestiços). O rio neste tempo, era o único caminho usado e por isso são ocupadas primeiro as margens.

Na região das nascentes o povo vivia da mineração. Quem trabalhava ali eram os escravos africanos. Quando as minas esgotaram, eles foram descendo rio abaixo. Como era difícil viver de roças, ter rebanhos, animais, muitos passaram a viver em constante migração. (33)

O médio Jequitinhonha foi povoado com a ocupação militar. Em torno dos quartéis essa enorme quantidade de migrantes ia se fixando. Vivendo de pequenas atividades como o comércio de peles de animais, de poaia, de plantas medicinais. Essa era já uma população mestiça. Ali se misturavam com os índios que eram aldeados ou que já haviam perdido seus territórios, como no Farrancho, hoje Guaranilândia (distrito de Jequitinhonha). No Jequitinhonha a guerra é comandada pelo Capitão Julião Fernandes Leão. O grande auxiliar da civilização dos índios é o Padre José Pereira Lidoro, que chega ao posto de Diretor dos Índios.

No Jequitinhonha, missionários e militares são os agentes oficiais do indigenismo.

2.4 DEPOIMENTO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA OS ÍNDIOS E SOBRE O ROUBO DE CRIANÇAS NO VALE DO JEQUITINHONHA

Texto baseado na fala de D. Ana, 76 anos, Comunidade do Córrego Novo, Município de Itaobim, fevereiro de 1988.

"Meu avô era índio. Morava na aldeia que tinha nas Três Barras.

Os branco atacou a Aldeia e roubou os menino dos índio. Mas os índios ficou um ano circulando na região prá descobrir onde eles tinha levado as criança. Até descobriu elas no Córgo Novo e atacou o lugar, na hora só tinha os menino dos branco, um deles correu e escondeu no sótão. Escapou. O outro meninozinho foi flechado na bunda, não aguentou correr. E aí eles assaram o menino e comeram. E o outro de cima do sótão vendo...

Meu avô contou isso.

Os índio pegou seus menino e fugiu. Travessou o Jequitinhonha, andando por cima da água. Já era costume deles ir atrás dos índios velhos catando peixe com a mão. Por isso eles chamavam o rio encantado:

No Jequizão encantado!

- Êh, Jequizão!

Aqui tem Jequi grande!

Mas é porque o rio era grande demais e para eles era um Jequi cheio de peixe. E travessava o rio com os menino no cacaio. No dia que eles atacou a fazenda os branco arreuniu e foi atrás deles. Não pegou mais. Mesmo passado muito tempo, eles contratou um língua que era até parente, sabia a língua. E ele foi "cortar língua" com os índio. Quando eles acamou, o língua assobiou e os branco chegou. O língua já tinha cortado o cordão dos arco. Mesmo assim, morrendo, na maior esperteza eles corria o dente no cordão, dava um nó e emendava o arco para matar os branco.

Morreu quase tudo. Quem não morreu, caiu no mato!

E assim foi que os branco pegaram meu avô e minha avó. Quando ele ficava com raiva, ele subia na árvore e ficava lá amuado. Dizia:

Parente meu vai chegar.
Parente meu vai vim
e vai arrasá ocês tudo." (34)

OBS.: D. Ana é artesã. Ainda faz cestas, balaios, peneiras e vasilhas de barro. Vai sempre a Teófilo Otoni ver os Maxakali na Rodoviária. E eles dizem a ela: "Nós é parente". E ela fica muito alegre.

2.5 O PROJETO DE COLONIZAÇÃO DO VALE DO MUCURI - 1854

1854 - Teófilo Otoni e o projeto da Companhia de Colonização do Mucuri.

Nossos parentes do Arakuá,
porém, tiveram sorte diferente.
Os nossos muitos olhos,
escondidos nas matas,
viram chegar
o Pojirum.
Ele se fez amigo dos Pojixá.
E entravam pelas matas,
abrindo estradas.
Também com eles chegaram
italianos, alemães, portugueses
e muitos outros Kraí.
Todos brancos.
Eles riam de nossa fala.
Mas nós também achávamos horrível
a língua enrolada deles.
E muitos tinham nojo de nós.
E víamos isto escrito na sua cara.
Para eles éramos bichos
e não gente.
E se passávamos do seu lado
nas ruas de Philadélphia,
tapavam o nariz
e escarravam.
Assim, nos afastamos para as ruas dos
brasileiros pobres!

Uma Confederação no Mucuri.

E por toda parte juntamos os
Tamonhek,
Pojixá,
Aranã,
Uruku,
Krakatã,
Potein,
Purukun,
e nos organizamos contra eles para impedir
a invasão!

2.6 TEÓFILO OTONI INVADE O MUCURI

Teófilo Otoni - o Pojirun -
fez amizade com os Naknenuk.
E fez muita coisa para convencer
o cacique Poton
a entregar a Terra.
Para firmar sua palavra
ele disse:
- Você é Poton (i)
E eu sou Otoni.
Nós somos parentes!

O cacique Poton fica alegre
e diz ao intérprete:
- Se a gente é parente
traga os mais parentes
que a Terra é muita
e cabe nós todos!

Teófilo Otoni também conquista
o cacique Giporok
proibindo os soldados de
atirar nos índios.

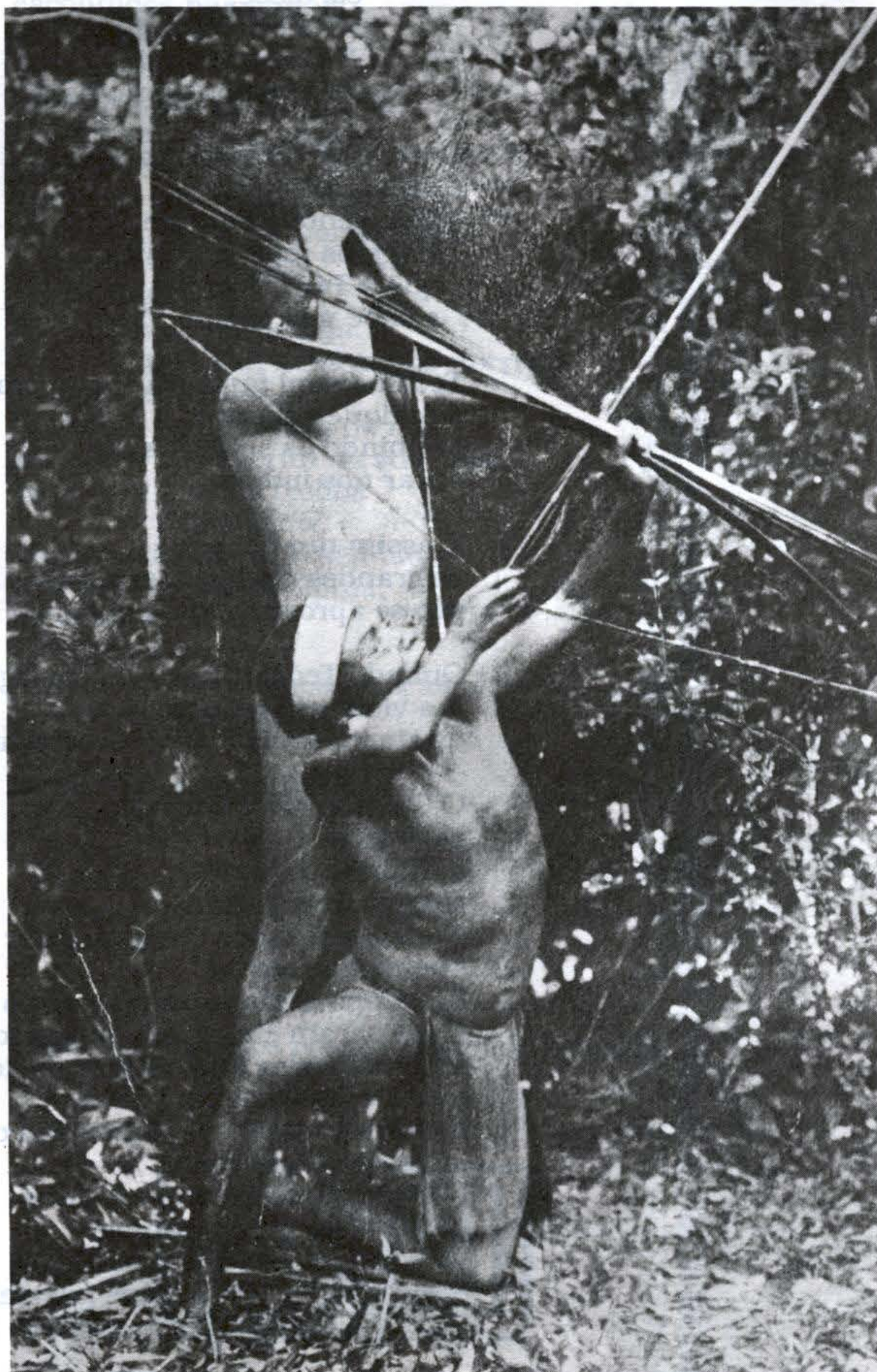
E assim um por um
os grandes chefes guerreiros
vão se aproximando deles!

Quando Teófilo Otoni sai da região
E a violência redobra,
os ataques dos Pojixá recomeçam!

O Capitão Meck Meck,
os Pojixá,
o Capitão Jukirana,
reagem à violência.
Os antepassados ouviram dizer
que nestas terras
há tempo atrás, só moravam os Borun.
E pensaram em repelir os brancos.
Dizendo a eles que éramos os donos
e que voltassem para casa.
E destroçamos a bandeira do Pojirun!

Nós os atacamos nas estradas
e devolvemos com saques
e incêndios das fazendas
a morte dos nossos guerreiros
e o sequestro dos nossos.

Passamos a cada geração a lembrança
do massacre do Cacique Giporok
e dos seus 11 guerreiros
onde hoje é a cidade de Nanuque.
Ali deveria se chamar Giporok
para lembrar sua coragem,
sua força!

Foto: Walter Garber/1911

Povo Gut-Krak Krenak. Região do Rio Pancas/ES.

O Pojirun sai do Arakuá
e como no Watu, ao sair
Marliére,
a violência se redobra.
E em vão gritamos por nosso direito.
Muitos dos nossos também se refugiaram
nas matas que restavam! (35)

"Onde o branco põe a mão
começa o sofrimento dos Borun"
diziam os mais velhos.
Já não podíamos nos reunir
livremente nos Kieme,
e durante as noites
realizar as assembléias.
Nem a Religião se fazia mais.
E bom era o tempo em que os homens
e mulheres reunidos
ouviam os cantos dos Pajés
chamando os Espíritos Maret!

E os brancos acrescentaram
mais um pouco de dor
a nossas vidas!

FAZENDO A MEMÓRIA

OS INK-JAK DE TUPAN CHEGARAM!

Os irmãos de Deus
1867
No Mucuri e Peruípe.

Os Pojixá se esconderam nas selvas do Krikaré.
Outros, são descobertos
pelos missionários,
que os saudaram alegremente.
Os índios batiam palmas e os abraçavam
dando-lhes de presente os próprios colares,
e dizendo: JAK JE ME NUK! (Vocês não sabem nada!)
(Os padres pensavam que eles estavam contentes com a visita...)

Em 1841 o Imperador do Brasil convida os padres capuchinhos para cuidarem da civilização dos Botocudos, que ainda resistiam à colonização no Mucuri.
Os padres capuchinhos italianos já tinham uma história de submissão aos governos de sua terra (sul da Itália). Aqui eram pagos para executar a política indigenista do governo.

Foto: Geralda Chaves Soares/1989

Foto: Geralda Chaves Soares/1989

Povo Krenak. Ao centro Potiara (filha de Laurita) e Pretinha, cujo pai apareceu morto boiando nas águas do Rio Doce em 1989.

4ª PARTE

A TERRA É NOSSA MÃE!

Foto: Geralda Chaves Soares/1989

Crianças Krenak diante da escola.

"Eu tenho a esperança de ter a terra de volta."

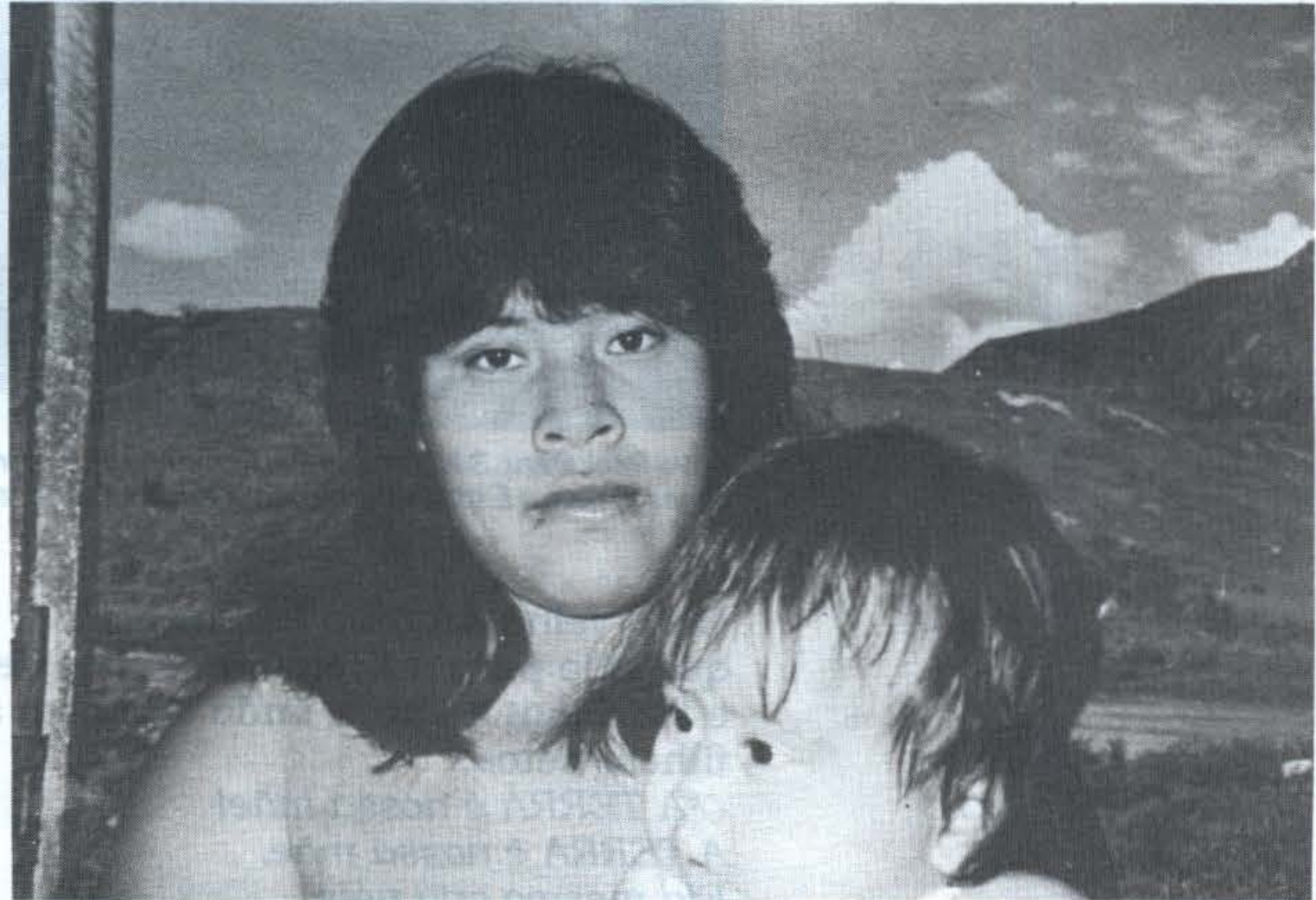
Sêo Antônio Pankararu-1989

Foto: Márcio Ferreira/1989

Povo Pankararu. Sêo Antonio Pankararu no 1º Encontro de Lideranças Indígenas de Minas Gerais e Espírito Santo, realizado em Governador Valadares.

Diz o velho Antônio Pankararu
que veio para o Krenak nos idos de 68
e fez daqui a Pátria onde vive com a família,
filhos, netos:
- *"A TERRA é nossa mãe!*
A TERRA é nossa mãe.
Ela mesmo cria nóis.
Ela mesmo come nóis.
Ela mesmo cria nóis com a Divina Misericórdia, amor.
Aí pranta legume.
Vai aumentando.
E ela vai dando com a chuva e com o sol.
Chuva e sol.
Quem souber que ela é nossa Mãe,
reza um Padre Nosso para ela,
para quando nós morrer,
ela ser advogada nossa!
Eu tenho esta esperança de ter a TERRA de volta.
Tenho sim...
Uma roça é uma mãe.
E toda hora que eu for,
se eu ir bem cedo,
ela já tá lá com os bracinhos abertos.
Tá recebendo aquele fi de Deus,
que vai na rocinha.
A roça não vai dizer:
- Não venha não!
Mas... Vem cá meu fi!

Um sacão de feijão.
Um saco de milho.
Uma sementinha!
Tudo!
Aí ele... arruma aquele sacão de feijão,
um saco de milho, bota nas costas e...
vai-se embora com a barriguinha cheia!"

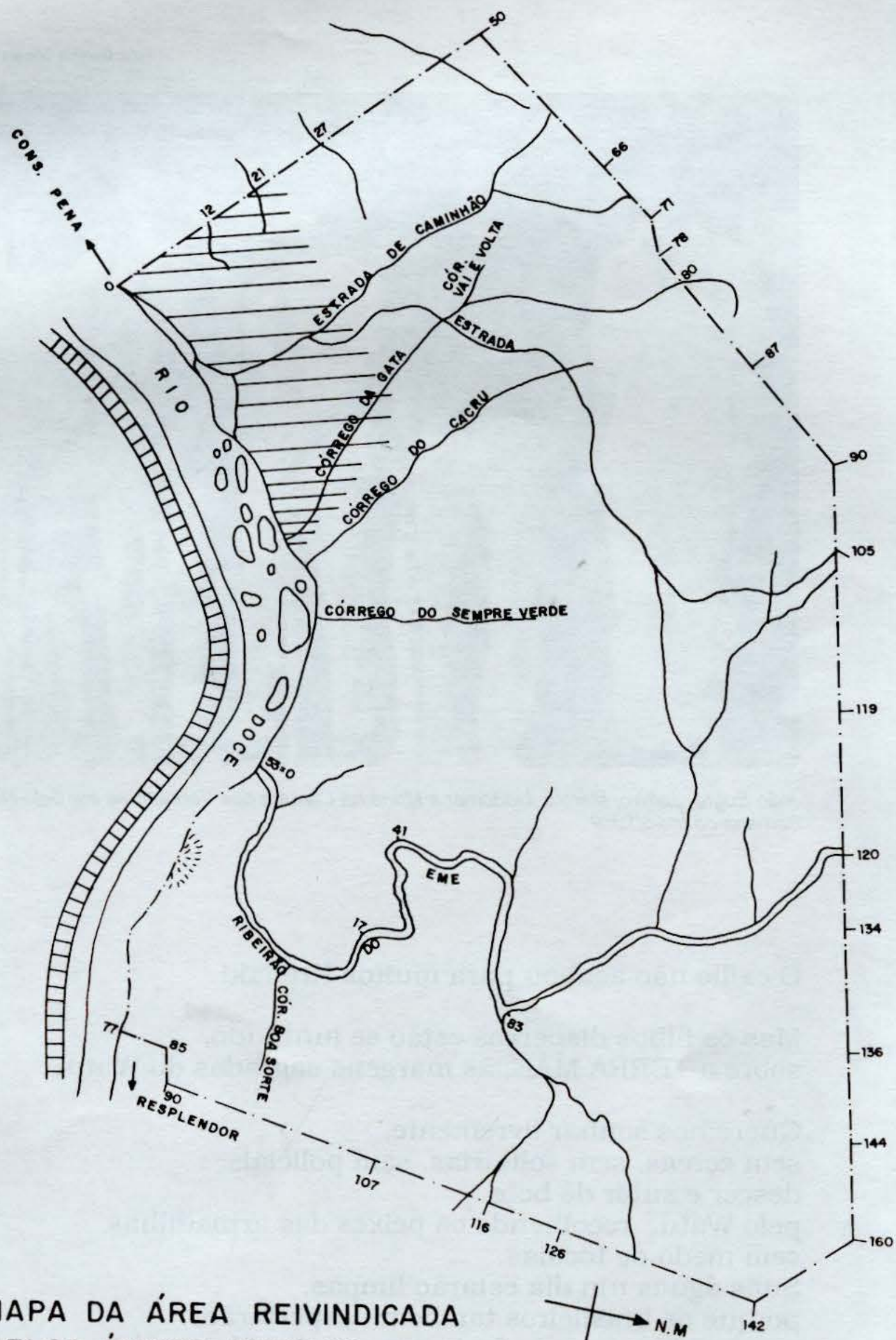
Foto: Expedito CIMI Leste/1990

Povo Krenak. Marinalva e Maiara Krenak.

4.1 SITUAÇÃO POLÍTICA HOJE

O processo que corre em Brasília está no Supremo Tribunal Federal num momento próximo do julgamento.

O Laudo Antropológico feito pela antropóloga Maria Hilda Paraíso e sua equipe da UFBA comprova a posse imemorial da terra pelo Povo Krenak. A Funai deverá requerer a reintegração de posse das fazendas, que deverão ser entregues a seus legítimos donos - os Krenak. E se encerrará mais um capítulo dessa história. Dessa incrível história de luta de um povo pela vida. Abrir-se-ão novas páginas. Mas, desta vez, os Krenak terão em suas mãos as terras. Seu destino. Sem militares, sem colonizadores, sem fazendeiros... Mas com uma enorme VONTADE DE VIVER!

PARA VOCÊ REFLETIR.

1. Como continuar a solidariedade com esse povo?

CONS. PENA
RIO
DOCE
ESTRADA DE CAMINHÃO
CÓR. VAI E VOLTA
ESTRADA
CÓRREGO DA GATA
CÓRREGO DO CACRU
CÓRREGO DO SEMPRE VERDE
EME
RIBEIRÃO
CÓR. BOA SORTE
RESPLENDOR
N.M
MAPA DA ÁREA REIVINDICADA
PELOS ÍNDIOS KRENAK
LEGENDA:
ÁREA DOADA AOS KRENAK - 4.000 ha
ESTRADA DE FERRO VITÓRIA-MINAS
ÁREA OCUPADA ATUALMENTE PELOS KRENAK - 128 ha

4.2 O SONHO CONTINUA...

Foto: Geralda Chaves Soares/1989

João Bugre, Jamiro, Marola, Lindomar e Mané na Câmara dos Vereadores em Belo Horizonte. Semana do Índio/1989

O exílio não acabou para muitos Krenak!

Mas os filhos dispersos estão se juntando,
sobre a TERRA MÃE, às margens sagradas do Watu.

Queremos sonhar livremente,
sem cercas, sem solitárias, sem policiais,
descer e subir de bote
pelo Watu, recolhendo os peixes das armadilhas,
sem medo de tocaias.
Suas águas um dia estarão limpas,
porque os brasileiros também despertarão
para proteger nossa fonte comum de vida!
Hoje, os peixes se reproduzem.
E sobre nossas cabeças, o sol, a lua e as estrelas continuam
fazendo seu caminho,
dia e noite, sempre!

As crianças e adultos procuram reaprender nossa linguagem
e religião.
E todos aqueles que morreram nesse tempo de agonia e luta,
sonham também descansar em paz.
Um dia contaremos para nossos parentes,
para os brasileiros,
para outros povos,
porque lutamos tanto
para realizar este sonho!
Muitos brasileiros nos procurarão prá saber onde está nossa
força.
E nós lhes explicaremos:

Nós somos como o capinzinho
que amarelou de tanto ficar debaixo da pedra e agora se
levanta.
A vida não acabou no passado de sofrimento.
Vamos ter força no futuro, porque lutamos,
não nos entregamos,
geração por geração.
Muitos dos que fizeram nosso povo sofrer estão vivos!
Esperamos que respeitem nosso jeito de viver.
Somos cidadãos do mesmo país!

Foto: Márcio Ferreira/1989

Zezão Krenak no 1º Encontro de Lideranças Indígenas de Minas Gerais e Espírito Santo.

ANEXOS

ANEXO 1 - MORTOS KRENAK - 1958 a 1990

Fonte: Informações Aldeia Krenak - 1990

NOME	IDADE	LOCAL DA MORTE	CAUSA POSSÍVEL	ANO
1. Juvenil	03	Área indígena Maxakali	Febre	1958
2. Eugênio	?	Área indígena Maxakali	?	1958
3. Jacó	72	Fazenda Guarani	Tristeza	1972
4. Joaquim Grande	105	Governador Valadares	Velhice	Década de 80
5. Humberto	28	Posto indígena Krenak	Atropelamento na Estrada de Ferro Vitória-Minas.	1984
6. Ocridão	48	Posto Indígena Krenak	Atropelamento na Estrada de Ferro Vitória-Minas.	-
7. Tatu	27	Rio Doce	Afogamento?	1989
8. Bastianinha	68	Posto Indígena Krenak	Câncer	Década de 80
9. Lucinda	95	Posto Indígena Krenak	Infarto	Década de 80
10. Augusto	42	Posto Indígena Krenak	Problemas internos.	1988
11. Pak	70	Posto Indígena Krenak	Cantou toda a noite e morreu na manhã seguinte.	-
12. Lindomar	14	Posto Indígena Krenak	Problemas internos	1990
13. Cássia	11	Posto Indígena Krenak	Afogamento Rio Doce	1990
14. Félix	52	Posto Indígena Krenak	Úlcera	-
15. João Índio	65	Posto Indígena Vanuíre	Úlcera	-
16. Rosana	07	Resplendor	Tiro perdido dentro de ônibus.	-
17. Jandira	37	Posto Indígena Krenak	Parto. Falta de assistência.	-
18. Filho de Jandira	00	Posto Indígena	Nati morto	-
19. Marinho	16	Posto Indígena Vanuíre	Enforcou-se.	-
20. Gabriel	18	Bauru - São Paulo	Voltando para o Krenak, empregou-se para conseguir dinheiro para chegar ao Krenak e foi acidentado.	Década de 70
21. Irmão da Eva	12 a 13	-	?	-
22. Miguel (Arapá)	-	Posto Indígena Krenak	O fazendeiro queimou sua perna e sem tratamento infeccionou e foi amputada. Veio a morte. Nunca aceitou andar de muleta.	-

NOME	IDADE	LOCAL DA MORTE	CAUSA POSSÍVEL	ANO
23. Tenuk	-	Posto Indígena Krenak	?	-
24. Jukuat	-	Posto Indígena Krenak	?	-
25. Florença	-	Posto Indígena Krenak	Parto	-
26. Saturnina	-	Posto Indígena Krenak	?	-
27. Bonéis	-	Posto Indígena Krenak	?	-
28. Tereza	-	Posto Indígena Krenak	?	-
29. Penha	-	Posto Indígena Krenak	?	-
30. Alípio	-	Posto Indígena Krenak	?	-
31. Vera Lúcia	-	Posto Indígena Krenak	?	-

Observação:
Dados colhidos de forma esparsa com os Krenak. Há dificuldades para precisar datas e causas possíveis das doenças. Os problemas internos estão ligados a questões da vida interna do próprio grupo, muitas vezes ligados à experiência traumatizante do contato com os brasileiros.

Foto: João Dornas Filho/APM

Kumijot e seu filho.
Carati - Década de 30.

ANEXO 2 - UM POUCO DA MEDICINA KRENAK

A medicina indígena ensinada aos Krenak por Joaquim Grande.

Relato de Sônia Krenak

"Quando ele era novo e eu era criança, era muito difícil tomar remédio de médico lá. Ele fazia prá nós.

DOR DE BARRIGA:
(Mal do estômago)

Esfregava a folha do melão de São Caetano bem esfregadinho. Espremia dentro de um caneco d'água. Colocava uma pitadinha de sal. Esse remédio fazia a gente vomitar tudo que estava dentro da barriga. Curava na hora.

DOR DE BARRIGA:
Arrancava a buta, raspava, cortava os pedacinho e botava na água. Quando aquilo tava bem amargando, dava prá tomar. Buta é bom prá emagrecer, faz abortar.

GRIPE:
Folha de fedegoso com folha de laranja. Fazia chá. Tudo que era adjunto do mato, de florzinha que ele soubesse que era remédio, ele pegava e fazia xarope prá gripe. E dava nós. Nunca levou nós no médico prá tomar remédio. Nós tratava com remédio do mato.

GRIPE:
Tudo enquanto é flor de laranja, mexerica, limão, flor de malmequer ele juntava e dava nós pra beber."

PARA VOCÊ REFLETIR:

1. Você sabe fazer remédios em casa?
2. Você ensina a outras pessoas?

ANEXO 3 - COMIDAS SIMPLES E DELICIOSAS!!! (PRÁ FAZER NA ALDEIA)

Relato de Sônia Krenak

"A banana verde você põe prá cozinhar. Colocar gordura na panela com bastante alho, cebola, pimenta. Tudo que você quiser, até temperinho. Amassa a banana bem amassadinha. Depois de amassada você joga o tempero dentro, põe um pouquinho de água para amolecer, porque se afogar ela, sem botar um pouco d'água fica muito dura!

Eu acho que fica gostosa essa comida de índia! Vamos experimentar?

Para assar bem o peixe, colocar o peixe para assar com tripa e tudo mais. Quando tirar do fogo abrir com a faca. A tripa sai durinha. Põe um pouquinho de sal e come!"

Foto: Lenício Siqueira/1989

Sônia Krenak com sua filha.

ANEXO 4 - CONHEÇA AQUI UMA HISTÓRIA DOS KRENAK SOBRE COMO VENCER OS OPRESSORES.

A ONÇA FAMINTA VENCIDA PELA BICHARADA ORGANIZADA

História contada por Waldemar Krenak, abril de 1990.
Aldeia do Povo Krenak, Minas Gerais.

"Esta é a história de uma onça muito brava.
A Onça brava que queria comer todos os bichos.
Esta Onça começou a passar fome.
Ela inventou então um jeito para conseguir tudo.
- Sabe o que vai acontecer? Eu vou cavar um buraco e entrar dentro. Quando os bichos passarem pertim... eu vou fazer o buraco bem na trilha deles!
E fez o buraco e ficou esperando. Ficou esperando...
Ela caiu lá dentro e pensou:
- Está quase na hora dos bichos passar aqui. Na hora que eles passar, eu peço socorro prá eles.
Aí ela entrou dentro. Tava com muita fome. Tava passando fome porque os bichos corriam dela. Porque ela era muito brava.
E aí ela ficou esperando...
Daqui a pouco veio um bicho.
Ela pensou:
- Ôpa! Lá vem um bicho!
E era um Tatu.
O Tatu passou pertinho e disse:
- Uai, Onça, o que ocê tá fazendo aí?
- Ah! Eu caí neste buraco. Agora Tatu, ocê podia me salvar desse buraco. Eu tô aqui passando fome e não tem como eu sair desse buraco. Tô querendo uma ajuda.
O Tatu falou assim:
- Olha, Onça, eu não vou te dar meu rabo não, porque meu rabo é curto. Se ocê pegar nele e vir, do jeito que ocê tá com fome... ocê pode querer me comer (o Tatu desconfiou...)
- Não! Eu não vou fazer isto não!
Quero que ocê me tira do buraco porque aqui eu tô passando fome!
Eu caí dentro desse buraco sem ver. Vim correndo na trilha e caí aqui dentro...
- Não!!! Meu rabo é muito curto. E eu não agüento ocê não!
Vou embora. Daqui a pouco passa mais bicho aí e ocê pede a eles!
O Tatu foi embora.
Daqui a pouco passou o Veado. O Veado chegou. A Onça falou:
- Veado! Me dá seu rabo! Eu caí dentro desse buraco aqui, rapaz! (E falou a mesma coisa que falou com o Tatu).
O Veado falou:
- Meu rabo é muito curtinho! De jeito nenhum!
E ocê tá com muita fome. E na hora que ocê sair aí de dentro... ocê me come!
E foi embora largando a Onça lá no buraco.
A Onça pensou:
- Nossa! Será que ninguém vai me tirar desse buraco? Que eu tô é com muita fome!
Daqui a pouco passou uma Paca.
A Paca chegou e a Onça falou:

- Ô Paca, me tira daqui que eu tô doida prá sair desse buraco. Eu tô com muita fome... e... eu não tenho como sair desse buraco. Eu caí aqui dentro. Nem vi como caí aqui dentro...

A Paca falou:

- Ihh! É de jeito nenhum! Eu vou... eu vou é embora! Se eu tirar a senhora daí... eu é porque tenho o rabo curto... mas se eu tirar a senhora daí... a senhora me come!

E foi embora.

Nisso, mais tarde, tava quase meio-dia, mais ou menos, veio o Macaco.

O Macaco viu de longe e ela pensou:

- Ôpa! O Macaco vai me tirar daqui!

O Macaco chegou perto, todo serelepe, e disse:

- Uai, o que ocê tá fazendo aí Onça? Nesse buraco?

Aí ela começou a chorar, chorar, chorar... e falava prá ele:

- Tem que me tirar daqui Macaco! Eu tô morrendo de fome! Você tem que ter dó de mim, eu caí nesse buraco sem saber.

- Ah! Meu rabo não agüenta! Meu rabo não agüenta! Vai pocar.

- Não! A gente vai com jeitinho... a gente pega e tira... a gente vai com jeitinho... aí ocê me tira daqui Macaco!

Aí o Macaco disse:

- Então... mas, ocê não me come não?

- Não! De jeito nenhum! A hora que eu sair aí fora do buraco, eu pego e vou pra minha casa e ocê vai pra sua. Eu vou é caçar comida prá mim porque eu tô morrendo de fome! De jeito nenhum. Eu não te como não!

- Olha que ocê vai me comer! Respondeu o Macaco. Eu vou te tirar mas ocê não pode me comer não! Porque eu vou te salvar!

O Macaco pegou e desceu o rabo dele. E ela grudou e ele veio puxando, puxando, devagarinho, puxando, puxando... devagar!

Na hora que chegou bem em cima do buraco, bem próximo prá sair do buraco, a hora que ela viu que tava saindo do buraco, ela...

TCHUUM! Unhou ele!

- Onça! Olha! Ocê não pode fazer isto não! (berrava o Macaco). Pode fazer isto não porque eu salvei sua vida!

- Não! Eu entrei dentro desse buraco foi prá isso mesmo! Eu tava com muita fome! E não tinha o que comer em casa. Aí cavei um buraco aqui, entrei dentro pra mim pegar um bicho. Agora eu peguei você! E vou comer você!

- Não! Oncinha! Não pode comer eu não! Eu salvei você!

- Não! Eu vou te comer!

O Macaco tava muito espremido na unha dela.

Ela falou:

- Se você der sorte... Vamos passar por três bichos pedindo opinião. Se eles der razão ao seu lado... te solto! Mas se eles der razão ao meu... eu te como!

- Então tá.

- Vamos passar por estas três coisas. Se ocê der sorte... eu te solto. Se não der te como.

- Então tá.

E saíram os dois grudados mata a dentro. Chegou lá adiante viram um boi comendo. Como sempre, comendo, comendo, comendo...

- Vamos passar lá prá ver o que ele acha de nós dois. Se dá razão a você ou dá razão a mim.

Chegou lá a Onça contou o caso e disse:

- Ô boi, qual de nós dois que ocê dá razão? É eu ou o macaco?

- Ah! É você Onça! Ocê tá certa!

E o macaco ficou com mais medo ainda.

- Nossa! Agora eu vou morrer mesmo!
A Onça disse:
- Viu? Já ganhei uma aposta. Já ganhei uma aposta, agora vamos prá outra! É três! Se chegar na última e você não ganhar eu te como!
E foram.
Chegaram mais adiante e viram um burro pastando.
A Onça contou o caso e perguntou:
- Ô Burro, qual de nós dois você dá razão?
O Burro falou:
- Ah! É você Onça! Ocê tá certa!
Aí o Macaco começou a chorar. Só tava faltando uma aposta.
A Onça disse:'
- Viu? Tá faltando só um! Na outra eu te como!
E foram andando. Foram, foram. Até que de longe eles viram um sapo e a bicharada todinha brincando. Eles tavam lá brincando! Brincando! E viram chegando pertinho a Onça e o Macaco grudado.
O sapo falou:
- Uai? Por que você dois estão grudados assim?
A Onça disse:
- Ah! O Macaco? Eu vou comer ele!
- Não!
- Não! Prá que que é isso? Você não pode fazer isso não!
Vamos brincar que aqui a festa tá é boa.
- Não!
- Não! Vamos largar disso! Vamos largar disso! Vamos desgrudar!
- Não! Mas eu quero comer o Macaco!
- Não! Mas depois ocê come ele! Agora não! Vamos soltar! Vamos brincar aqui primeiro. Depois que nós acabar de brincar ocê come ele. O Tatu entrou no meio ajudando!
- Não! Vamos largar disso!
E largaram.
E começaram a dançar.
A Onça no meio também dançando, dançando e gritando e pulando.
Onça, Macaco, Sapo...
O Sapo falou:
- Olha, eu inventei uma música aqui! Prá nós tudo. Prá nós tudo! A minha eu vou cantar. É assim:
- Sapo dentro d'água!
Macaco no pau!
Tatu no buraco!
Tatu no buraco!
Macaco no pau!
Sapo dentro d'água!
E começaram a cantar! E foi juntando... juntando em redor da Onça. E a Onça na história de dançar, nem desconfiou o que eles estavam falando. Quando foi chegando de manhã cedo, eles estavam todos com sono. A Onça abria aquela bocona com sono!
O Macaco começou a ver um pau bem pertinho...
O Tatu já foi chegando prá perto do buraco dele...
E o Sapo tava de olho na lagoa...
Aí daqui a pouco o Macaco deu uma piscada pro Sapo. o Sapo deu uma piscada pro Tatu... e os três saltaram na hora que eles tavam cantando.
DIUM!
O Tatu entrou no buraco.

TIUM!
O Sapo pulou na lagoa.
E o Macaco subiu no pau.
E a Onça ficou lá sozinha.
Ficou olhando o pau!
E o Macaco dizia:
- Ih! Bobona! Fica aí. Cê não me comeu! A última aposta ocê não venceu!
Ela correu no buraco, enfiou a mão no buraco, mas o Tatu não achou mais! Ela foi na lagoa, ficou olhando a água, enfiou a mão, segurou. Segurou. Pegou um negócio lá e segurou. Pensou que era a perna do Sapo... e fazia força... fazia força... o Sapo apontou lá do outro lado.
- Ói! Cê tá segurando no que aí?
- Uai! Tô segurando na sua perna!
- Não é nada, sua besta! Aí é uma raiz!

AÍ TERMINA A HISTÓRIA. A BICHARADA JUNTO VENCEU A ONÇA.
ESSES BICHOS TODOS ANTIGAMENTE ERAM ÍNDIOS!

PARA VOCÊ REFLETIR

1. Descubra no texto duas formas de resistência dos Borun no confronto com os invasores.
2. Você conhece outras formas de luta dos índios hoje? Quais?

Foto: Geralda Chaves Soares/1989

Meninos Krenak diante da escola.

ANEXO 5

Conheça a origem de sua cidade, do seu povoado e o Povo que ali vivia.

- Aldeamentos
- Arraiais
- Quartéis militares e outras localidades surgidas com a invasão dos territórios indígenas.

NOME	POVO	DATA/ REFERÊNCIA	LOCALIZAÇÃO	OUTROS DADOS
1. Aldeamento de Entre Barras	Naknenuk	1826	Vale do Rio Doce	Eram mais ou menos 300 índios e viviam da agricultura.
2. Aldeamento de Pancas	Botocudos Gutkrak	Antes de 1913	Vale do Rio Doce - Espírito Santo	Para Pancas vão os Gutkrak chefiados por Tetxuk, irmão do Capitão Krenak.
3. Aldeamento de Ramalhete	Naknenuk	1827	Vale do Rio Doce	Um dos índios incitava os Naknenuk a voltar para a mata. Eram poucos. Próximo ao Córrego de Peçanha.
4. Aldeamento de São João Batista de Minas Novas	Botocudos	a pesquisar	Vale do Jequitinhonha	Fundado para combater os Botocudos. Hoje Minas Novas.
5. Aldeamento de Córgo da Vigia	Botocudos	-	Vale do Jequitinhonha	Próximo a Almenara. 150 índios.
6. Aldeamento do Córgo dos Prates	Maxakali	1811	Vale do Jequitinhonha - Bahia	O terreno foi doado por D. Pedro aos índios Maxakali. Depois foi invadido e os índios foram expulsos. 60 a 70 índios.
7. Aldeamento do Presídio de Campos de Goitacazes	Puri	1822	Zona da Mata - MG	-
8. Aldeamento do Soroby	Maxakali	Meados do séc. XIX	Vale do Jequitinhonha	Os colonos provocam conflitos e o Frei Bernardino do Lago Negro Capuchinho, abandona a área. 150 índios.
9. Aldeia Córgo da Velha	Botocudos	a pesquisar	Vale do Jequitinhonha	No município de Araçuaí.
10. Aldeia da Ilha do Pão	Maxakali Makuni	-	Vale do Jequitinhonha	Próximo à cidade de Jequitinhonha. Visitada por Saint Hilaire.

NOME	POVO	DATA/ REFERÊNCIA	LOCALIZAÇÃO	OUTROS DADOS
11. Aldeia de São Pedro e Itinga	Botocudos	1830-1833	Vale do Jequitinhonha	Ali viviam 150 índios.
12. Aldeia de São Pedro de Alcântara	Botocudos	1830-1833	Vale do Jequitinhonha	Comandada pelo cacique Jaimá os índios fogem para as matas. Foi construída pelo Padre Lidoro.
13. Aldeia de São Pedro do Rio Preto	Puri	1826	São Mateus	Espírito Santo.
14. Aldeia do Ribeirão do São Pedro	-	1830-1833	Vale do Jequitinhonha	150 índios comandados pelo cacique Mapipé.
15. Aldeia de São José do Porto Alegre	Maxakali	1776	Foz do Mucuri	Havia ali várias aldeias. Hoje se chama Mucuri.
16. Aldeamento Alto dos Bois	Makuni	1778 - 1811 -1858	Vale do Mucuri	A oito léguas de Minas Novas, próximo de Malacacheta. Vieram do Córgo dos Prates, no Jequitinhonha.
17. Americanas	Naknenuk	-	Vale do Jequitinhonha	Com 48 índios. Próximo a Padre Paraíso.
18. Antônio Dias Abaixo	Botocudos	a pesquisar	Vale do Rio Doce	Na confluência do Ribeirão da Onça Pequena com o Piracicaba.
19. Arraial do Cuieté	Botocudos	1809	Vale do Rio Doce	Hoje município de Cons. Pena. Aí foi fundado um presídio para degredados negros, mestiços de índios que vinham de Ouro Preto (envio ilegal e forçado de pobres). Foi sede da 6ª Divisão Militar.
20. Barra do Cuieté	Botocudos	1823	Vale do Rio Doce	Hoje município de Cons. Pena. Ali eram aldeados jovens e crianças Botocudos para aprender a trabalhar na lavoura, navegação e cultivo do algodão. Os pais se revoltavam e destruíam as plantações.

NOME	POVO	DATA/ REFERÊNCIA	LOCALIZAÇÃO	OUTROS DADOS
21. Caratinga	Botocudos	a pesquisar	Vale do Rio Doce	Local onde foram aldeadas muitas tribos da região.
22. Cataguases	-	-	Zona da Mata	Antes Arraial do Porte dos Diamantes.
23. Córrego do Rubim e do Kram	Maxakali	1824-1828	Vale do Jequitinhonha	Com 80 a 86 índios.
24. Farrancho	Maxakali	1868	Vale do Jequitinhonha	Aldeamento do Farrancho-Guarani e atualmente Guaranilândia, município de Jequitinhonha. 40 índios sobreviventes de um massacre.
25. Região próxima a Figueira do Rio Doce	Botocudos	- -	Vale do Rio Doce	Hoje região de G. Valadares. Nessa área, em Chonin foram aldeados vários povos cujos territórios foram invadidos.
26. Guidoval	Kroato	de 1768 em diante	Zona da Mata	Antes Quartel do Guidoval, Chalé, Arraial de Sant'Ana do Sapé. Contato de Padre Manuel de Jesus Maria.
27. Guiricema	Puri	mais ou menos 1816	Zona da Mata	Antes era Capela de Nossa Senhora da Encarnação dos Bagres.
28. Itueta	Etwet	a partir de 1808	-	Se desmembra de Resplendor em 1948.
29. Jaguaraçu	Botocudos	-	Vale do Rio Doce	Terras pertencentes a área do São Domingos do Prata.
30. Laranjeiras	Naknenuk Krakmun Pejaurun	1825	Vale do Rio Doce	Aldeados por Marliére.
31. Lorena	Botocudos	-	Vale do Rio Doce	Situada há 24 léguas de Antônio Dias Abaixo. Os índios viviam aí da caça e da agricultura.
32.Marlièria	Botocudos	-	Vale do Rio Doce	Antiga Babilônia (de São Domingos do Prata). Nome dado em homenagem a Marlière.
33. Miraí	Puri	-	Vale do Rio Doce	Antes se chamava Brejo de Santo Antônio.

NOME	POVO	DATA/ REFERÊNCIA	LOCALIZAÇÃO	OUTROS DADOS
34. Muriaé	Puri	1822	Zona da Mata	Antes se chamava São Paulo do Manoel Burgo.
35. Pampam	Botocudos	-	Vale do Jequitinhonha	80 índios. Hoje Fronteira dos Vales.
36. Petersdorff	Botocudos	1823	Vale do Rio Doce	Quartel sede da 4a. Divisão. Os índios se dedicavam à caça, pesca e agricultura.
37. Pocrane	Botocudos	a partir de 1819. (chegada de Marlière)	Vale do Rio Doce	Nome dado para homenagear o filho do cacique que recebeu o nome de Guido Pocrane e que se aliou a Marlière no trabalho de civilização do Rio Doce.
38. Quartel de Água Limpa	Botocudos	-	Vale do Jequitinhonha	Hoje Berilo. Fundado para combater os Botocudos.
39. Quartel de Boa Vista do Maturi	Botocudos	-	Vale do Jequitinhonha	Hoje cidade de Coronel Murta. Antes Itaporé.
40. Quartel da Cachoeira	Botocudos	1811	Vale do Jequitinhonha	Na Bahia(?)
41. Quartel da Onça Pequena	-	-	Vale do Rio Doce. Zona da Mata.	a localizar.
42. Quartel da Vigia	Botocudos	1811	Vale do Jequitinhonha	Atualmente é a cidade de Almenara. Com 150 índios.
43. Quartel do Borba	Botocudos	-	-	Espírito Santo.
44. Quartel de Bragança	a partir de 1808	Vale do Rio Doce	-	Espírito Santo.
45. Quartel de D. Manuel	Naknenuk	1823	Vale do Rio Doce	Próximo a Gov. Valadares. Foram aldeados por Marlière.
46. Quartel de Lorena de Tocoiós	Maxakali/ Malali/ Makuni	1823	Vale do Jequitinhonha. (Próximo de Francisco Badaró e Araçuaí)	Fala-se dos índios de Tocoiós.
47. Quartel de Melgaço	Botocudos	a partir da guerra de 1808	-	Espírito Santo
48. Quartel de Nossa Senhora das Graças da Capelinha	Botocudos	idem	Vale do Jequitinhonha	Fundada para combater os Botocudos. Hoje Capelinha.
49. Quartel de Nossa Senhora do Sucuriú	Botocudos	-	Vale do Jequitinhonha	Hoje Francisco Badaró.
50. Quartel de Pinhel	Botocudos	-	Vale do Rio Doce	Espírito Santo.
51. Quartel do Rio Casca	-	-	-	Minas Gerais(?)

NOME	POVO	DATA/ REFERÊNCIA	LOCALIZAÇÃO	OUTROS DADOS
52. Quartel de São Domingos	Botocudos	Vale do Jequitinhonha	-	Hoje Virgem da Lapa.
53. Quartel de São José dos Coimbra	Botocudos	a partir de 1808	Vale do Jequitinhonha (próximo de Novo Cruzeiro)	Hoje se chama São José de Caraí (do Kraí - o não índio). Fundado para conter os ataques dos Botocudos.
54. Quartel de São Miguel	Naknenuk/ Panhame/ Maxakali/ Malali/ Pojixá/ Monoxó	1811	Vale do Jequitinhonha	Sede da 7ª Divisão. Era responsável pelo combate dos Botocudos da Foz do Araçuaí até Belmonte. Hoje cidade do Jequitinhonha.
55. Quartel de Serpa	-	a partir da guerra de 1808	Vale do Rio Doce	Hoje município de Viana-Espírito Santo.
56. Quartel de Setúbal	-	-	Vale do Jequitinhonha	Hoje Setúbal.
57. Quartel de Ourém	-	a partir da guerra de 1808	Vale do Rio Doce	Espírito Santo.
58. Quartel do Príncipe	-	idem	Vale do Rio Doce	Hoje Linhares - Espírito Santo.
59. Quartel do Sacramento	Botocudos	idem	Vale do Rio Doce, próximo a Caratinga e Timóteo.	Ali perto há ainda soterradas as bases do quartel. Também na ponte queimada há placa registrando a presença indígena.
60. Quartel do Salto	Botocudos	a partir de 1808	Vale do Jequitinhonha	Hoje Salto da Divisa.
61. Quartel do Urukú	Botocudos	a partir de 1874	Vale do Mucuri	Hoje Carlos Chagas.
62. Quartel dos Arcos	Botocudos	a partir de 1808	Vale do Jequitinhonha	O terreno foi doado por D. Pedro aos índios Maxakali. Depois foi invadido e os índios foram expulsos.
63. Resplendor	Botocudos/ Krenak/ Pojixá/ Nakrehé/ outros	-	Vale do Rio Doce	Próximo a Tarumirim onde se localizava o aldeamento do Bananal Grande. É um enorme cemitério indígena.

NOME	POVO	DATA/ REFERÊNCIA	LOCALIZAÇÃO	OUTROS DADOS
64. Rio de Santo Antônio	Naknenuk	1823	Vale do Rio Doce	Aldeamento foi sede da 1ª Divisão, às margens do Rio Santo Antônio, hoje município de Joanésia. Também chamado Quartel do Naknenuk.
65. Ribeirão do Félix	Malali	-	-	Localizado na Paróquia de Peçanha, perto do Ribeirão do mesmo nome. Afluente do Suaçuí Grande.
66. Santana do Abre Campo	Puri	-	Zona da Mata	Quartel fundado para combater os Botocudos, mais ou menos 800 índios.
67. São Domingos do Prata	Botocudos	-	Vale do Rio Doce	Antes onde se localizava o Quartel da Onça Pequena. Surgem vários aldeamentos indígenas que dão origem a Alfú, Babilônia, Jaguaraçú.
68. São Geraldo	Puri	1880	Zona da Mata	Inicialmente era uma fazenda. Depois se torna Povoado da Capela Velha.
69. São Paulo de Manuel Burgo	Puri	-	Zona da Mata	Hoje Muriaé.
70. São Pedro dos Ferros	Botocudos		Vale do Aço	Hoje Ferros.
71. Ubá	Puri e Kroato	mais ou menos 1816	Zona da Mata	A presença do Padre Manuel de Jesus Maria atraiu para aí colonos que invadiram suas terras.

NOME	POVO	DATA/ REFERÊNCIA	LOCALIZAÇÃO	OUTROS DADOS
72. Visconde do Rio Branco	Puri/ Kroato/ Koropó	Fim do sec. XVIII (mais ou menos 1767)	Zona da Mata	Antes se chamava Arraial do Xopotó e depois Arraial de São João Batista do Presídio. Os índios são catequisados pelo Padre Manuel de Jesus Maria.
73. Manhuassú	Puri e Botocudos	a pesquisar	Zona da Mata	Os Puri foram usados para desmatar a região como mão-de-obra barata.

Fonte: Correspondência de Guido Marlière - RAPM - século XIX.
- Maxakali - Resistência ou morte.
- Marlière, o civilizador - Oiliam José
- Documentos Arquivo Público Mineiro SP. P.P1 - 15 Cx 90-98. P. P.P1 - 4 cx. 1 e 2

Foto: João Domas Filho/APM

Fundação de Resplendor nas matas do Rio Doce. Década de 30.

ANEXO 6 - DATAS IMPORTANTES NA HISTÓRIA DOS KRENAK E SEUS ANTEPASSADOS

DATA	ACONTECIMENTO	POVO ATINGIDO	CONSEQUÊNCIA	LOCAL
1555	São aldeados pelos jesuítas.	Guerén - também chamados de Aimoré	Epidemia de varíola - mortes - fugas para as matas - recusa contato.	Ilha de Itaparica-Bahia.
1602	Contatos de viajantes.	Guerén	Descrição dos adornos labiais e auriculares.	Rio Prado e Jequitinhonha.
1658	Outros ataques a áreas estratégicas da capitania onde se comercializava farinha e outros artigos.	Guerén	Despovoamento da região das Capitanias.	Ilhéus e Porto Seguro.
1660	Confronto com os colonizadores.	Guerén	Despovoamento	Cairú e Ilhéus - Bahia.
1673	Declaração de guerra aos Guerén. Confedeção dos Guerén.	Guerén	Contratação de bandeirantes paulistas, como: João Amaro, para a guerra - financiadores da guerra: moradores do Recôncavo Baiano.	Vale do São Francisco - Bahia e Minas Gerais.
1680	Novos ataques às povoações e fazendas.	Guerén	Continua a migração dos índios para o sul.	Cairu e Camano Bahia.
1723	Os índios combatem a Bandeira de Domingos Dias Prado.	Aimoré e Guerén	-	Rio Prado e Serra dos Aimorés.
1728	Os índios combatem a Bandeira de Antônio Gonçalves Figueira.	Botocudos	-	Rio Doce-MG e Espírito Santo.
1748	Grande deslocamento de índios de uma área para outra.	Guerén	Fundação do aldeamento de São Fidélis da Bahia.	Rio Una-Bahia.
?	Outro grande deslocamento dos índios.	Guerén	São levados para o aldeamento dos jesuítas: Nossa Senhora da Conceição dos índios Guerén.	Sesmaria dos jesuítas (não localizada).
1773	Combate à Bandeira de Sebastião Leme do Prado.	Guerén	Vários grupos migram para o sul.	Próximo do Prado e Ilhéus-Bahia.
1800	Fundação de Linhares (ES) e de outros quartéis.	Botocudos	Repressão aos índios.	Rio Doce - ES.
1804	Expedição sobe o Jetinhonha até Minas Gerais.	Botocudos	-	Vale do Jequitinhonha.

DATA	ACONTECIMENTO	POVO ATINGIDO	CONSEQUÊNCIA	LOCAL
1808	Declaração de Guerra Justa por Dom João VI.	Botocudos do Rio Doce e regiões vizinhas.	Militarização da região - fundação das Divisões Militares e Quartéis - Genocídio de inúmeros Povos Indígenas - Fundação da Companhia de Navegação do Rio Doce, colonização e civilização dos Índios - Escravização dos índios - Período de "caça aos índios".	Vale do Rio Doce em Minas e Espírito Santo - atinge regiões vizinhas: Mucuri, São Mateus, Jequitinhonha.
1809	O governo estabelece uma nova política de terras e uma nova política indigenista na região de guerra.	Botocudos do Rio Doce e regiões vizinhas.	Concessão de sesmarias - invasão de terras - todo poder concentrado nas mãos dos chefes das Divisões - banditismo - violência -destribalização.	Rio Doce e regiões vizinhas.
1811 1813	Contato com os Botocudos.	Botocudos	Instalação dos quartéis dos Arcos, Salto, Estreito, Vigia, São Miguel, Tocoiós.	Vale do Jequitinhonha.
1816	Contato com o Príncipe Wied.	Botocudos	Relato minucioso da vida dos Botocudos.	Vale do Jequitinhonha.
1817	Contato com Saint Hilaire.	Botocudos		Vale do Jequitinhonha.
1819	Fracasso do Projeto Militar.	Botocudos	Nova política indigenista. Chegada de Guido Marlière - início da atração e pacificação dos índios - tratamento mais humanitário - pressão dos latifúndiários sobre Mar- lière.	Vale do Rio Doce.
1824	Presença de Marlière na região Rio Doce.	Botocudos/ Maxakali/Puri e outros.	D. Pedro suspende a concessão de sesmaria em todo o país de 1822 a 1836 elas continuam a ser doadas ilegalmente no Rio Doce em nome da "colonização" da região - Desrespeito à Constituição do país - Fuga e dispersão dos Povos Indígenas para as matas.	Vale do Rio Doce e regiões vizinhas.
1840	Aumentam as pressões dos latifundiários sobre Guido Marlière.	Botocudos/ Maxakali/Puri e outros.	Marlière é retirado do Rio Doce - Falece na Zona da Mata entre os Puri, em Guidoval. Onda de violência sobre os índios.	Rio Doce e regiões vizinhas.
1850	1ª Lei de terras no Brasil.	Todos os povos são atingidos.	Só poderia ser dono de terras quem tivesse dinheiro para comprá-las - período de grande violência entre "novos colonos" e "velhos" e entre estes e os índios - Roubo de Terras.	em todas as regiões do país.
1854	Início do Projeto de Colonização do Vale do Mucuri.	Os Engrekmun e Povos vizinhos.	Chegada de imigrantes europeus. Discriminação - pacificação e atração dos índios - Fundação da Colônia Militar do Urucu - Invasão dos Territórios Indígenas. Confronto entre índios e colonos. Massacre dos Giporok em Nanuque.	Vale do Mucuri.

DATA	ACONTECIMENTO	POVO ATINGIDO	CONSEQUÊNCIA	LOCAL
1860	Fracasso do Projeto de Teófilo Otoni.	Os Engrekmun e Povos vizinhos.	Pressionado Teófilo Otoni se retira do Mucuri - onda de violência e roubo de terras dos índios. Violência contra os posseiros.	Vale do Mucuri.
1873	Início da ação dos padres capuchinhos.	Os Engrekmun e Povos vizinhos: Krakatã, Pojixá, Aranã, Potein e outros.	Fundação do aldeamento de Itambacuri - valorização das terras - abertura de estradas - formação de mão-de-obra indígena - várias rebeliões dos índios no aldeamento - desculturação. Casamento interétnico - lutas abolicionistas no país - 1888: Lei Áurea. Os fazendeiros querem mão de-obra.	Itambacuri-MG.
1907	Chegada das Irmãs Clarissas Franciscanas.	Fundação do Colégio. Substituição dos professores indígenas pelas irmãs.	Várias crianças são internadas no colégio junto com meninas mestiças e brancas. Os Pojixá se recusam a entregar as filhas para educar no Colégio.	Itambacuri - MG.
1905/ 1909	A Estrada de Ferro Vitória-Minas atravessa o território Krenak.	Krenak	Os índios não consentem a passagem da ferrovia - Colocam pedras sobre os trilhos - As matas são invadidas pelos colonos - O velho Krenak está com 96 anos.	Vale do Rio Doce.
1910	Fundação do Serviço de Proteção ao Índio - SPI.	-	Criação de vários Postos de Atração dos índios - Pressão dos fazendeiros sobre os índios e funcionários.	Vale do Rio Doce.
1911	Início da Colônia Agrícola de Itambacuri.	-	Meninos abandonados e órfãos, resultado do projeto de colonização da região, são encaminhados para a Colônia Agrícola - Começa grande criação de animais e produção de cereais - As terras do aldeamento não são demarcadas.	Itambacuri - MG.
1914	Notícias dos Krenak nas cabeceiras do Rio Eme.	Krenak	Estudo da organização social dos Krenak pelo russo Manizer no Rio Pancas - ES.	Aldeias do Rio Eme - Rio Pancas.
1917	Negociação dos índios chefiados por Muin com o governo do Estado de Minas.	Krenak	O nome de todos os Krenak ainda são na língua Borun - O Serviço de Proteção ao Índio começa a demarcação da terra - Não são encontrados brasileiros na área Krenak - Conflito dos índios com os engenheiros do SPI.	Região do Eme - Vale do Rio Doce.

DATA	ACONTECIMENTO	POVO ATINGIDO	CONSEQUÊNCIA	LOCAL
1920	Decreto de Arthur Bernardes, governador de Minas Gerais, doando 4 mil ha de terras à União (Decreto 5.462 de 10 de fevereiro/1920).	Krenak.	As terras são aceitas pela União e são destinadas à implantação de Colônia Agrícola para os Krenak e Pojixá.	Rio Doce
1923	Massacre de Kuparak.	Krenak.	São assassinados várias mulheres e homens - As crianças são tomadas como reféns e depois assassinadas.	Cuparaque, município de Resplendor.
1930	O SPI transfere outros Povos para o Posto Indígena Krenak (início do arrendamento da terra Krenak).	Pojixá, Miñajirun, Nakrehé e outros.	Os Nakrehé não conformam e choram querendo voltar - Muita pressão dos fazendeiros.	Colatina, Aimorés, Itueta, Pancas e Culeté.
1940	O SPI controla a área. Aumenta o arrendamento da terra.		O SPI passa a cobrar arrendamento da terra. Roubo do Jonkyon. Os Krenak param com os rituais religiosos.	Posto Indígena Guido Marlière.
1950	Uma bomba explode a sede do Posto Indígena. Pressão para o SPI sair da área.	Krenak.	Os índios são incriminados. Os culpados não são denunciados.	Posto Indígena Guido Marlière.
1956	A Ajudância Minas-Bahia do SPI passa ao domínio da Polícia Florestal de Minas Gerais.	Maxakali, Krenak, Pataxó, Guarani, Xacriabá, Tupinikin.	Militarização das aldeias - Criação da Guarda Rural Indígena - Treinamento militar para crianças - Violência, prisões e mortes nas aldeias - O Posto Indígena é declarado extinto.	Área Indígena Krenak-MG.
	1º exílio: Joaquim Grande se recusa a ir para a terra Maxakali.	Krenak.	Os Krenak são exilados e abandonados na cidade de Machacalis. Grandes dificuldades de sobrevivência - Morte de adultos e crianças.	Área Indígena Maxakali - MG.
	Início da Colônia Penal Indígena na terra Krenak	Urubu, Terena, Pankararu, Maxakali, Tupinikin, Xerente, Pataxó, Tapirapé e outros.	Militarização - desculturação.	Área Indígena Krenak - MG
1958	Retorno a pé, de carro e de trem para o Rio Doce. Usam duas rotas diferentes.	Krenak.	Durante três meses e cinco dias os Krenak fazem o difícil retorno à área. Reencontram na chegada, Joaquim Grande com muitas roças.	Vale do Mucuri e do Rio Doce.

DATA	ACONTECIMENTO	POVO ATINGIDO	CONSEQUÊNCIA	LOCAL
1970	A pressão dos fazendeiros aumenta.	Krenak.	Convivência forçada com outros povos de cultura diferente e com soldados. Violência. Repressão por causa da bebida. Proibições. Documento dos fazendeiros enviado aos militares: "Não há índios aqui."	Área Indígena Krenak - MG.
1972	2º exílio: Fazenda Guarani-MG.	Krenak.	Num acordo feito entre a polícia e fazendeiros, Funai e governo do Estado, os índios são exilados na Fazenda Guarani (Carmésia). Cria-se ali o Centro de Reeducação Indígena - Joaquim Grande, Lucinda e outros se negam a sair da terra - Presos e algemados são jogados na solitária - Promessa da Funai. Alguns vão para o Posto Vanuíre em São Paulo, outros se dispersam e vão viver clandestinamente em Colatina - Os fazendeiros recebem os títulos da terra através da Ruralminas. Jacó morre no exílio - Eleição do cacique HIM e início de organização e luta pela terra. Idas à área para ver a terra - São embargados pelos fazendeiros. Apoio do Cimi, Grequi e antropólogos. Idas a Brasília e Belo Horizonte.	Fazenda Guarani, município de Carmésia - MG.
1980	Ocupação da terra - Retorno dos Krenak depois das enchentes.	Krenak.	Grande mobilização dos fazendeiros na região. Manifestação de apoio dos trabalhadores rurais de Teófilo Otoni e de várias entidades de apoio - Imprensa - A Igreja local não se posiciona a favor dos Krenak.	Área Indígena Krenak, município de Resplendor-MG.
1984 a 1988	Primeiro Congresso Indígena de Minas.	Krenak, Maxakali, Xacriabá, Guarani, Terena, Pataxó e outros.	Os Krenak fazem um documento reivindicando sua terra. Presença de muitas autoridades. Tancredo Neves nomeia uma comissão para resolver a questão de terras indígenas em Minas Gerais. Os Krenak retornam à área e ocupam uma das fazendas. São despejados e logo depois reintegrados.	Belo Horizonte-MG.

DATA	ACONTECIMENTO	POVO ATINGIDO	CONSEQUÊNCIA	LOCAL
-	-	-	Várias pressões - Os Krenak exilados em Vanuíre se organizam para voltar - Morte do índio Tatu. Um dos fazendeiros entra na justiça e consegue a terra, novamente são despejados com violência. Presença só de mulheres e crianças. Falta de escola para as crianças. Ida de Deja Krenak a São Paulo e rearticulação dos exilados para retornarem.	Posto Indígena de Vanuíre - SP e Área Indígena Krenak - MG.
1989	Retorno dos Krenak que viviam em Vanuíre (Posto Indígena), São Paulo. Ida a Belo Horizonte. Atividades na Semana do Índio.	Krenak.	Novo ânimo dos Krenak - Laudo antropológico - Livro contando a história deles. Contatos com a imprensa, parlamentares, Incra, colégios...	Belo Horizonte-MG.
1989	Encontro de Lideranças Indígenas do Leste II (Minas Gerais e Espírito Santo).	Guarani, Maxakali, Xacriabá, Pataxó e Krenak	Ânimo para continuar a luta pela terra e pela sobrevivência das nações indígenas de MG.	Governador Valadares - MG.
1990	Continua a luta pela terra.	Krenak.	Apoio da Igreja Metodista de Colatina e Belo Horizonte - Semana do Índio - Várias vindas a Belo Horizonte para contatos com entidades de apoio, artistas, imprensa, Incra... Início da Ação pela Cidadania - Apoio da UNI para a construção da horta comunitária - construção da nova escola pela Prefeitura de Resplendor - Encaminhamento do Laudo Antropológico.	Aimorés e Colatina - Belo Horizonte-MG.

ANEXO 7 - LISTA DE PALAVRAS EM LÍNGUA KRENAK E SUA TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS

Arakuá - Poiaia, nome do Rio Mucuri.
Borun - Os Homens, os índios Krenak. Diferente de Kraí, os portugueses, os colonizadores e hoje, os brasileiros, os não-índios.
Cujan - Tamanduá.
Enkojek - Espinhaço do cachorro, Cordilheiras que cercam Itambacuri.
Erehé - Muito bom! Muito bonito! De eré, ehé!
Gut Krak - Casco da tartaruga, Grupo ancestral dos Krenak.
Guapók - Trem de fumaça. Estrada de Ferro Vitória-Minas.
Hirém - macaco.
Ink-jak de Tupã - Os irmãos de Deus. Os padres.
Inhorá de Tupã - As mulheres de Deus. As irmãs Clarissas Franciscanas.
Jacugi - Nome do Rio Pancas.
Jak je me nuk! - "Vocês não sabem de nada". Diziam os índios aos padres e eles pensavam que fosse: "Sejam benvidos!" Porque os índios ao falarem batiam palmas e gesticulavam.
Jequitinhonha - Vem de "Jequi tem nhonha". No Jequi tem peixe. Jequi, armadilha para apanhar peixes. Nhonha: peixe.
Kraí - O português, o colonizador, o brasileiro, o não-índio.
Kraí-Krenton - O brasileiro doido, o louco.
Krakmunrererenhek - Tirada da pedra - Malacacheta, mica.
Kren - cabeça
Kren-ton - de cabeça doida.
Kruk - criança.
Kuéme - morrer.
Kuparak - Onça pintada.
Maret - Nome dado aos espíritos protetores dos Krenak que vivem na mata.
Maret Khmaknian - O herói fundador do Povo Krenak, o ancentral, o mais velho.
Minãjirun - Água branca. Denominação de um Povo.
Nak - terra.
Nak ne nuk - Morador da terra.
Nandyon - Ente do mal da cultura Krenak.
Pe pi nuk! - Eu não vi!
Pogirun - O homem da mão branca. Nome dado a Teófilo Otoni que usava luvas brancas para se proteger das picadas dos insetos. O Kraí Pogirun.
Tambakori - Nome do Rio Itambacuri. Rio encachoeirado.
Todon - pequeno, menor.
Todon Erehé - Assim os índios de Itambacuri chamavam a Frei Ángelo de Sassoferato, capuchinho.
Tokon - Nome que as pessoas que não podem entrar em contato com os Maret e nem vê-los, dão aos Maret.
Ton-ton - que não presta.
Txon-Peck - Fogo.
Watu - Rio Largo, Rio Doce.

ANEXO 8 - LISTA DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS USADAS NESTE LIVRO COM SIGNIFICADO DIFERENTE

Aldeamento - Local construído pelos padres ou por funcionários do governo e para onde eram levados os índios atraídos pelos presentes, pelas promessas ou pela falta de condições de permanecerem na mata.
Arranchar - Fazer rancho, pousar, parar para dormir.
Baita peixe - Peixe grande, enorme.
Bate-pau - Homens que éstavam a serviço dos militares, colonizadores para caçar índios.
Civilizado - O que veio para civilizar. O não-índio, o português, o brasileiro, para os índios.
Calhau - Nome dado à nascente cidade de Araçuaí - Arraial do Calhau.
Cacaio - Cesto que as índias traziam às costas com uma alça passada na testa e onde carregavam crianças e muitos mantimentos.
Coça - surra, sova.
Córgo - Córrego. Pequeno rio.
Correrias - Nome que se dá às fugas apressadas dos índios que em grupos saíam de uma região para outra fugindo da perseguição dos caçadores de índios.
"Cortar Língua" - Termo usado nesta região até hoje para se referir à atitude de pessoas que se comunicavam em língua indígena com os índios. Estas pessoas normalmente estavam a serviço dos invasores.
Curuca, Curuquinha - Palavra aportuguesada que vem de Kruk, em Krenak - criança. Tornou-se comum para designar as crianças roubadas nas aldeias e vendidas no litoral. Tráfico de Curucas, muito comum no Vale do Jequitinhonha.
Cuparaque - Palavra aportuguesada que vem de Kuparak, em Krenak: Onça pintada. Hoje localidade de Cuparaque, Minas Gerais. Aqui ocorreu o massacre de 1923.
Derrubada - corte de mata, desmatamento.
Fojo - buraco aberto no chão coberto de folhagem pelos índios, onde colocavam espetos de bambu para matar os inimigos que caíssem na armadilha.
Grande lago salgado - mar.
Guerra justa - A guerra contra os índios era considerada como justa, necessária porque eles eram pagãos e não aceitavam ser cristãos e se recusavam a entregar suas terras aos invasores.
Jequizão - Rio Jequitinhonha. Jequi grande com muitos peixes.
Jequi - armadilha indígena para apanhar peixes. Nhonha = peixe. Aportuguesado: no **Jequi tem nhonha** - Jequitinhonha.
Linguagem - Termo usado pelos Krenak para se referir a: língua materna, falar na língua - falara a língua dos Borun. Falar em Krenak. Falar na língua materna.
Lajão - Hoje cidade de Conselheiro Pena
"Língua" - O intérprete. A maioria deles eram mamelucos,filhos de índia com português, educados pelo pai. Eram utilizados como agentes de invasão cultural, para introduzir novos costumes, desestabilizando as aldeias e mesmo como espiões, que facilitavam a chegada dos matadores.
Monãyxop - Palavra em língua Maxakali: o grupo (xop) dos ancestrais.
Migração - Mudança de uma região para outra dentro do próprio país.
Mameluco - Filho de índia com português. Domingos Jorge Velho era mameluco. Quase não falava o português. Destruiu o Quilombo de Palmares.
"Matar uma aldeia" - Assim se referiam os "civilizados" aos massacres de aldeias inteiras. Havia pessoas especializadas em "matar aldeias", como no Vale do Jequitinhonha.
Natividade - Cidade de Aimorés.

Pepinuque - Palavra aportuguesada que vem do Pe pi nuk = Eu não vi, em Krenak. Foi o antigo Posto de Atração dos Índios Pojixá, fundado pelo SPI - Serviço de Proteção aos Índios, no Espírito Santo, quando o governo decidiu instalar ali uma colônia de italianos. Hoje é a localidade de Pepinuque.
Pocar - estourar.
Rebuçado - Coberto.
Ubá - Pedaço de couro transformado em chicote com o qual os soldados açoitavam os índios na Colônia Penal instalada no Krenak na década de 60.

ANEXO 9 - NOTAS

1. Adaptação da fala de Sêo Calixto Rodrigues dos Santos, falecido em 1986, na época com 95 anos. Morava no Bairro das Palmeiras, em Teófilo Otoni, Minas Gerais.
2. Mitos dos Botocudos de Kurt Nimuendaju. Publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico, nº 21, em 1986.
3. Adaptação da fala de Capitãozinho Maxakali, da Aldeia do Mikai-kaká, em 1984, falecido em maio de 1985.
4. Idem ao 3.
5. O índio na história do Brasil de Berta Ribeiro. Publicado pela Global Editora em 1987.
6. Idem ao 5.
7. Carta de Mem de Sá ao Rei de Portugal, datada de 31 de maio de 1560. Publicada na Crônica de São Jorge de Ilhéus, pelo Conselho Federal de Cultura, em 1981.
8. A Confederação dos Guerén de Francisco Borges de Barros. Publicado nos Anais do Arquivo Público e Museu do Estado da Bahia, Imprensa Oficial do Estado.
9. Idem ao 8.
10. Idem ao 8.
11 Idem ao 8.
12. Idem ao 8.
13. Idem ao 8.
14. Idem ao 8.
15. Idem ao 8.
16. Idem ao 8.
17. Vida e morte do bandeirante, de Alcântara Machado. Publicado pela Editora Itatiaia, em 1980.
18. Os Vales do Mucuri e Jequitinhonha de Frei Olavo Timmers. Texto datilografado, localizado no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte.
19. Laudo antropológico sobre os Krenak elaborado pela antropóloga Maria Hilda Barqueiro Paraíso, concluído em 1989. Laudo requisitado pela Funai, como instrumento jurídico, para reconhecimento da nação Krenak enquanto povo.
20. Idem ao 19.
21. Idem ao 1. Baseado em parte nos relatos de Sêo Calixto Rodrigues dos Santos.
22. Escritos de Henrique Mannizer, pesquisador russo, que conviveu com os Botocudos, nas margens do Rio Pancas, em 1914.
23. Idem ao 22.
24. Idem ao 22.
25. A colonização dos sertões do Leste Mineiro; políticas de ocupação territorial em regime escravista, 1780-1836, de Ricardo de Bastos Cambraia e Fábio Faria Mendes. Publicado na Revista do Departamento de História da UFMG, nº 6, julho de 1988.
26. Carta Régia de D. João VI de 13 de maio de 1808.
O CEDEFES possui uma cópia desta carta.
27. Idem ao 25.
28. Idem ao 25.
29. O massacre dos Botocudos de Rogério Medeiros. Publicado na Revista Agora, Espírito Santo.
30. Guido Marlière, o civilizador de Oilliam José. Publicado pela Imprensa Oficial de Minas Gerais em 1971.
31. Idem ao 25.
32. Correspondência de Guido Marlière. Publicado na Revista do Arquivo Público Mineiro, nº 16.
33. Idem ao 22.

34. Informações de D. Ana, de 76 anos, moradora da Comunidade do Córgo Novo, município de Itaobim, Vale do Jequitinhonha, em 1988.
35. Teófilo Otoni, ministro do povo de Paulo Pinheiro Chagas. Publicado pela Editora Zélio Valverde, Rio de Janeiro, em 1944.
36. Nas selvas do Mucuri e do Rio Doce (1873-1952) de Frei Jacinto Palazzollo. Publicado pela Companhia Editora Nacional, em 1959.
37. Idem ao 36.
38. Relato da Comunidade da Fumaça, município de Teófilo Otoni, em 1980.
39. Idem ao 36.
40. Idem ao 36.
41. Idem ao 36.
42. Idem ao 36.
43. Idem ao 36.
44. Idem ao 36.
45. Reconstituição a partir das anotações de Núbia Calazans (UFBA) sobre o trabalho do pesquisador russo Henrique Manizzer que conviveu com os Botocudos, às margens do Rio Pancas, em 1914.
46. Reconstituição a partir do depoimento de Valdemar Krenak. Aldeia Krenak, 1989.

Campanha Continental "500 Anos de Resistência Indígena - Afroamericana e Popular"

No ano de 1992 vão fazer 500 anos que os europeus chegaram às Américas.

Para lembrar este fato muitas comemorações estão sendo já realizadas, tanto na Europa quanto aqui. Os povos indígenas, os povos sequestrados da África e aqui escravizados, assim como os demais oprimidos pelo sistema de dominação que aqui se instalou, bem sabem que não houve "descobrimento", nem "encontro de culturas", nem "intercâmbio" entre povos.

As guerras, a escravidão, o genocídio, a ação etnocida de muitas igrejas, a marginalização em que vivem hoje trazem uma certeza: se há algo a comemorar que seja a Resistência de todos aqueles que ontem e hoje lutam pela vida!

A campanha é um convite para que resgatemos nossa história, solidifiquemos essa solidariedade entre os povos das Américas.

"Que todos se levantem
Que ninguém fique para trás"
Canta, levanta-te América, voz
de tantas raízes".

CEDEFES
1992

OS BORUN DO WATU . OS ÍNDIOS DO RIO DOCE . GERALDA CHAVES SOARES